

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

ISABELA NOVAES MELO LIMA

**A IDEOLOGIA NAZISTA E O PODER TOTALITÁRIO: e uma perspectiva do
pensamento extremista atual**

RECIFE

2015

ISABELA NOVAES MELO LIMA

**A IDEOLOGIA NAZISTA E O PODER TOTALITÁRIO: e uma perspectiva do
pensamento extremista atual**

Monografia apresentada à Faculdade Damas da
Instrução Cristã - FADIC, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Relações
Internacionais.

**ORIENTADOR: Prof. Dr. Pedro Gustavo
Cavalcanti Soares**

RECIFE

2015

Lima, Isabela Novaes Melo

A ideologia nazista e o poder totalitário: e uma perspectiva do pensamento extremista atual. / Isabela Novaes Melo Lima. – Recife: O Autor, 2015.

76 f.; il.

Orientador(a): Prof. Dr. Pedro Gustavo Cavalcanti Soares

Monografia (graduação) – Faculdade Damas da Instrução Cristã.

Trabalho de conclusão de curso, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Relações Internacionais. 2. Nazismo. 3. Pensamento extremista. 4. Totalitarismo alemão. I. Título.

**327 CDU (2.ed.)
327 CDD (22.ed.)**

**Faculdade Damas
TCC 2016-391**

ISABELA NOVAES MELO LIMA

**A IDEOLOGIA NAZISTA E O PODER TOTALITÁRIO: e uma perspectiva do
pensamento extremista atual**

Monografia apresentada à Faculdade Damas da
Instrução Cristã - FADIC, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Relações Internacionais.

Aprovado em: ____/____/____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Orientador: Pedro Gustavo Cavalcanti Soares
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof. Ms. Maurício Albuquerque Wanderley
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof. Dr. Luciana Campelo de Lira
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos àqueles que se interessam pelo tema do Nazismo, bem como se preocupam em compreender o passado em virtude de analisar o presente, através da consciência crítica e do sentimento de empatia. Dedico também, aos meus queridos avós, José e Manoel, que contribuíram de maneira fundamental para minha formação. (In memória)

Agradecimentos

Agradeço a Deus por todo o amor e todas as bênçãos em minha vida, assim como, aos meus protetores espirituais por toda a assistência, afeição e luz.

Aos meus pais, por não medirem esforços em me proporcionar os melhores estudos e oportunidades de realizar sonhos. E principalmente, a minha querida mãe, por todo o amor e dedicação em todos os momentos da minha vida.

A todos os meus amigos. Sem eles esses anos de faculdade não teriam sido tão divertidos e enriquecedores como foram.

A minha amiga Maria Eduarda Lucena Gomes, pela companhia e apoio na visitação e pesquisa de campo, no Campo de Concentração e Extermínio de Auschwitz e no Museu de Schindler, na Polônia.

Ao meu orientador e também professor, Pedro Gustavo Cavalcanti Soares, pela paciência e ajuda no desenvolvimento deste trabalho.

A Professora Luciana Campelo de Lira, por lecionar, com muita propriedade e sensibilidade, disciplinas fundamentais para a compreensão das relações sociais.

Aos demais professores da Faculdade Damas da Instrução Cristã, por todo o conhecimento que me proporcionaram.

Ao Coordenador do curso, Thales Castro, por ter sempre se mostrado solícito, quando precisei, nesses quatro anos e meio de faculdade.

Ao meu co-orientador, colega e internacionalista, Victor Azevêdo Anunciação, por toda ajuda na formatação deste trabalho.

“Amái-vos uns aos outros e sereis felizes. Sobretudo, tomái a tarefa de amar aqueles que vos inspiram indiferença, ódio e desprezo. O Cristo, de quem deveis fazer o vosso modelo, vos deu o exemplo desse devotamento; missionário de amor, amou até dar o seu sangue e a própria vida. O sacrifício que vos obriga a amar aqueles que vos ultrajam e vos perseguem é penoso; mas, é precisamente isso que vos torna superiores a eles; se vós os odiais como vos odeiam, não valeis mais do que eles. [...] Ainda que a lei do amor queira que se ame indistintamente a todos os irmãos, não endurece o coração contra os maus procedimentos; ao contrário, é a mais penosa prova. [...] Não vos esqueçais, meus caros filhos, que o amor nos aproxima de Deus, e que o ódio nos afasta dele.”
(FÉNELON, Bordéus, 1861)

A IDEOLOGIA NAZISTA E O PODER TOTALITÁRIO: e uma perspectiva do pensamento extremista atual

Isabela Novaes Melo Lima*

Resumo

Este trabalho tem como objetivo o estudo relacionado aos acontecimentos do passado da Alemanha nazista, na tentativa de compreender a adesão da população da época ao regime totalitário, bem como abordar os mecanismos e aspectos utilizados pela cúpula do Nacional-socialismo. Por meio hipotético-dedutivo e também através de pesquisa de campo e coleta de dados, traça-se-à uma linha tênue o pensamento racista e xenofóbico nazista e a banalidade do mal na modernidade, com os movimentos extremistas que move o cenário internacional atualmente. Para assim, tentar entender quais as reais motivações que levam as massas a aderir, aceitar, legitimar e praticar ações violentas e xenofóbicas contra as minorias e os que são considerados diferentes, de alguma forma, que nada tem a ver com os problemas os quais, são considerados culpados. Com esse trabalho, pretende-se trazer à lembrança do passado histórico nazista, para assim buscar uma reflexão sobre questões que movimentam o cenário mundial global.

Palavras-Chave: Nazismo, Pensamento Extremista, Banalidade do Mal, Massas.

Abstract

* Aluna concluinte do curso de Relações Internacionais

The present work aims the study related to past events of nazi Germany, in an attempt to understand the accession of the population of the time the totalitarian regime, and address the mechanisms and aspects used by the National Socialism summit. By hypothetical-deductive means and also through field research and data collection, mapping up-to a fine line between racist and xenophobic thoughts of the nazis and banality of evil in modernity, with extremist movements which move the international scene nowadays. So to try to understand what were the real motivations that lead the masses to join, accept, legitimize and practice violent and xenophobic actions against minorities, and those who are somehow considered different, and who had nothing to do with the problems which they were found guilty. With this work, we intend to remember the nazi past history, so as to seek a reflection on issues which move the global scene.

Keywords: Nazism, Extremist thought, Banality of evil, Crowd.

Lista de Ilustrações

Figura 1: Recipiente Original de Pervitin (Afetamina).....	24
Figura 2: Exemplo de modelo original de documento de autorização dos procedimentos para esterilização.....	24
Figura 3: Bandeira do Partido Nacional-Socialista.....	35
Figura 4: Saudação Nazista.....	41
Figura 5: Auschwitz.....	55
Figura 6: Auschwitz II- birkenau.....	55
Figura 7: Halt! Stój! (Alto! Pare!)	56
Figura 8: Judeus no Campo de Concentração.....	57
Figura 9: Punição por enforcamento.....	58
Figura 10: Vagão que os judeus e demais “indignos de viver” eram transportados para Auschwitz.....	60

Sumário

Introdução	2
1 Ideologia nazista	6
1.1 A pseudociência como base de formação de pensamento.....	6
1.1.1 Antissemitismo e a auto interpretação judaica.....	10
1.1.2 Ocultismo	15
1.1.2.1 Obsessão pela questão de raça.....	20
2 O poder do nazismo	26
2.1 Contexto alemão no pós Primeira Guerra Mundial.....	26
2.1.1 Hitler	29
2.1.1.1 NSDAP	35
2.1.1.2 O efeito da propaganda.....	39
3 Coisificação do homem	43
3.1 Totalitarismo alemão.....	43
3.1.1 Resistência alemã.....	47
3.1.1.1 “Solução final” e a questão das massas.....	54
3.1.1.2 Banalidade do mal e pensamento extremista	63
4 Considerações finais.....	71
Referências bibliográficas	74

Introdução

Quando se pensa na Alemanha de Hitler, a inquietação que esse passado gera na consciência crítica da sociedade moderna ainda é bastante palpável, principalmente quando nos deparamos com discursos de ódio e atos de violência cometidos por motivações de intolerância, xenofobia e banalidade do mal. Ora, o discurso de ódio pregado pelos nazistas partiam de ideias completamente fanáticas, com respaldo pseudocientífico, mas não em ciência genuína¹, e sem nenhum resquício de humanidade. As primeiras perguntas que vem à mente, quando se pensa nessa questão é: de que forma a Alemanha, nação considerada uma das mais intelectualizadas da Europa aderiu a um regime inteiramente criminoso? E, será que os discursos de ódio atual possuem a mesma conotação dos discursos nazistas, no seu sentido desumano e banal? O presente trabalho, busca a compreensão desses questionamentos, através da discursão de elementos fundamentais na constituição do Estado nazista, bem como procura fazer uma ponte

¹ O “caso Heidegger”, é bastante conhecido no mundo acadêmico por se tratar de críticas severas à filosofia do alemão Martin Heidegger, por conta da mancha profunda em sua biografia, por ter feito parte do Partido Nazista. No entendimento do próprio Heidegger, a ciência e a filosofia estão em patamares hierárquicos distintos, segundo ele a filosofia está na ordem de conhecimento antecedente a ciência positiva, pois elabora uma hermenêutica fenomenológica, que seria, a “técnica” para interpretação, e a importância dos fenômenos da consciência que devem ser estudados. A filosofia, ao contrário da ciência, aos olhos de Heidegger, permite ao pensador dar o “salto na transcendência”, e isso possibilita levar a filosofia a um nível que a ciência nunca poderá alcançar. Para autores como Emmanuel Faye, em seu livro *Heidegger: L'introduction du nazisme dans la philosophie, 2005*, faz críticas severas a filosofia heideggeriana e diz que, as ideias fascistas e racistas estão misturadas nas ideias filosóficas de Heidegger, e por conta disso, essas ideias não merecem ser intituladas como filosofia séria. (Estadão, 2009) O filósofo, Emmanuel Lévinas, nascido na Lituânia, mas de nacionalidade francesa, foi fortemente influenciado pelo pensamento ontológico de Heidegger, quando frequentava a Universidade de Freiburg, e no entanto, a partir de 1932, Lévinas distanciou e afastou o seu pensamento da filosofia de Heidegger, ainda que dialogasse com a questão da ontologia. Nos seus estudos sobre ética e alteridade, o pensador defende a primazia de que a ética precede a ontologia, argumentando assim, que não pode haver humanidade sem ética, e que, o ser humano em sua essência é um ser para o outro. Para Lévinas, a filosofia de Heidegger sobre a ontologia deve ser vista “de forma que “atropelou” a ética na modernidade ocidental”. (Emmanuel Lévinas, o outro e a alteridade, Certificação Digital Nº 0613172/CA) O filósofo alemão Peter Trawny, em *Schwarze Hefte, 2013*, que corresponde aos 34 cadernos de capa preta em que Heidegger fez anotações sobre os seus pensamentos de 1931 até o início de 1970. Trawny aponta que as passagens escritas nos cadernos são abertamente problemáticas, relatando que Heidegger não só fez parte do nacional-socialismo, como o seguiu com simpatia durante certo tempo e também o levou muito a sério. Além de expandir seu pensamento em termos filosóficos ao antissemitismo. Heidegger valia-se do *Protocolo dos Sábios de Sion, 1898*, panfleto que se baseava em documentos falsificados e demagógicos à respeito de uma conspiração judaica, quando afirmava “que o “judaísmo mundial” lutava anonimamente contra os nazistas.” (DW-Brasil) Na opinião de Trawny, os trechos dos cadernos de Heidegger tentam difundir um tipo específico de antissemitismo na sua filosofia, pois ele procurava analisar e definir de maneira filosófica um conceito de “judaísmo mundial”. Os debates em torno da filosofia de Heidegger são diversos, e muitos outros autores também defendem o filósofo nazista, abordando que o teor filosófico de suas obras não deveria ser diminuído por conta de seu envolvimento temporário com o nazismo.

entre discurso de ódio do Nacional-Socialismo e o pensamento extremista que move o cenário internacional na atualidade.

Para muitos alemães, Hitler parecia ser o grande messias que tiraria o país do fundo do poço, o *Führer* que os conduziria para a prosperidade, que iria vinga-los da humilhação sofrida no fim da Primeira Guerra Mundial, e trazer de volta o orgulho nacional e o estímulo necessário para acreditarem em um ideal. O cenário alemão no período entre guerras, era de profunda exaltação por uma mudança eficaz que desse um direcionamento a nação, e de antissemitismo crescente. Além de, revolta pelas imposições sofridas por ter levado toda a culpa da guerra. Dessa forma, os nazistas souberam se aproveitar muito bem desse contexto, utilizaram de mecanismos altamente eficazes e desumanos para manipular as massas, desde do uso da mitologia pagã como base de suas ideias racistas, medicina mórbida, “fábrica” de bebês arianos, até os campos de concentração e extermínio. O apoio da sociedade de massa foi fundamental para que a existência do regime totalitário de fato acontecesse. Para uns pensadores da Escola de Frankfurt, o conceito de sociedade de massa pode ser compreendido, de forma que, a indústria cultural atua na formação da padronização nos interesses e vontades dos indivíduos, como forma de não fazê-los reconhecer que são retirados da sua própria individualidade existencial. Assim, para Alcir Lenharo, não se pode isentar a população alemã da culpa, pois era do conhecimento de todos as práticas terroristas do regime, até mesmo em nível internacional se sabia o que acontecia (LENHARO, 1995).

O acontecimento do regime totalitário e todo o horror por ele disseminado foi de fato, uma atrocidade cometida contra os judeus, os considerados “indignos de viver” e a população alemã pelos padrões nazistas, mas também, foi uma calamidade cometida contra a humanidade. Todo o terror ocorreu na modernidade, onde o desenvolvimento cultural do ser humano estava no auge. À vista disso, o século XX colocou em cheque o progresso e a razão do homem moderno. Em relação a nossa atualidade, para alguns autores, como Anthony Giddens, nós ainda estamos vivenciando a modernidade, mesmo que agora com a denominação de “modernidade tardia”, já Zygmunt Bauman, caracteriza a nossa realidade atual através de um novo conceito o de “modernidade líquida”, que seria a pós modernidade, onde as relações são frágeis e fluidas, e a “modernidade sólida”, que seria a própria modernidade, o controle do mundo pela racionalidade (MOCELLIM, 2007). O fato é que, nos desenvolvemos em muitos aspectos; científicos, culturais, tecnológicos e até em alguns ramos sociais, porém no que diz respeito ao tratamento com o *outro*, continuamos aos mesmos moldes falhos do século passado.

No primeiro capítulo, os aspectos discutidos são direcionados a compreensão da formação da ideologia nazista, através da pesquisa de elementos essenciais de sua construção.

São eles: a pseudociência como base de formação de pensamento, em evidência principalmente nos séculos XIX e XX, e que consistiam em afirmações que se diziam ciência pura, mas que não se utilizavam de métodos científicos. Assim, não se configuravam em fontes confiáveis e precisas. O antissemitismo ferrenho, em que, ao mesmo tempo que os judeus se configuravam um “problema de ordem pública” para a sociedade europeia, eles também se auto afirmavam ser uma comunidade diferenciada das demais por questões étnicas e de pensamento. O ocultismo pagão, ritual o qual, foi fonte para as afirmações e as crenças fanáticas dos nazistas, no intuito de “provar” também as suas “verdades racistas”. E por fim, a obsessão pela questão da “raça perfeita”, que levou até o médicos alemães a praticar atrocidades em nome de uma fixação pela superioridade racial aos moldes arianos.

O segundo capítulo, tem como objetivo abordar também, a chegada dos nazistas ao poder pela perspectiva política dos fatos, bem como alguns dos mecanismos utilizados para envolver as massas. No primeiro ponto, a discursão é em torno do cenário problemático da Alemanha no pós Primeira Guerra Mundial, focando nas questões políticas, sociais e econômicas da época, bem como, evidenciando a necessidade de uma mudança eficaz, por parte população da alemã. O segundo ponto de abordagem, é a trajetória de Adolf Hitler até chegar ao cargo de líder supremo da Alemanha, assim como, alguns dos aspectos marcantes de sua vida, e uma breve visão sobre sua personalidade e suas tendências. No terceiro ponto, o debate é em torno do Partido Nazista ou simplesmente NSDAP, no que corresponde a sua formação, membros e grupos paramilitar, tal como sua função de instrumento legal na pratica do mal. No quarto e último ponto desse capítulo, a discursão é em torno de um dos dispositivos essenciais para a doutrinação das massas, utilizado pelo Partido Nazista, que foi a propaganda, aplicada de maneira minuciosa e bem planejada para envolver a população nas ideias distorcidas do Nacional-socialismo.

No terceiro capítulo, é abordado o totalitarismo fascista alemão, regime de governo extremamente radical que penetrou na sociedade de maneira total, desde as esferas políticas, sociais, econômicas e culturais até a individualidade do indivíduo. É abordado também, sobre os grupos de pessoas que tentaram resistir ao regime, alguns desses grupos de maneira bastante singular. Esses pessoas, através da luta pacífica, arriscaram e perderam suas vidas em prol de coisas muito simples, como a liberdade, a consciência e a empatia. Existiram também grupos de ideologias opostas a extrema direita nazista, como os esquerdistas, comunistas, e boa parte do trabalhadores alemães. No penúltimo ponto desse capítulo, é debatido sobre a política da “Solução Final”, bem como o poder exercido pelas massas na participação do processo de indiferença ao terror propiciado. O último ponto discutido no trabalho é direcionado a fazer

uma ponte entre o terror nazista, a banalidade do mal e o pensamento extremista atual, o debate em torno de questões de discriminação, fanatismo e violência da nossa atualidade, que ainda enfrenta discursos de ódio com a mesma conotação do passado.

1 Ideologia nazista

A importância da higiene racial não se tornou evidente para todos os alemães conscientes até as atividades políticas de Adolf Hitler. É só através de seu trabalho que o nosso sonho de trinta anos atrás, de transformar a questão da higiene racial em ação, finalmente tornar-se uma realidade.

Ernst Rüdin

1.1 A pseudociência como base de formação de pensamento

A ideologia Nazista estruturou-se através do conjunto de pensamentos da pseudociência, do antissemitismo, do ocultismo e da obsessão pela questão de raça.

Muitas das ideias e pensamentos que repercutiam na Europa durante os séculos eram fundamentadas em qualquer tipo de informação que se afirmava ter como base fatos científicos, ou mesmo com elevado padrão de conhecimento, mas que não era necessariamente resultante da aplicação de métodos científicos. Dessa forma, essa linha de raciocínio é caracterizada pelo uso de afirmações vagas, demasiadas ou improváveis, uma crença excessiva na confirmação, ocasionalmente sugerindo que algo está sendo impreciso ou mesmo equivocadamente descrito como ciência. Assim, os Nazistas aproveitaram para afirmar sua verdade como “verdade científica”, comprovada pela pseudociência e disseminada pelas massas como “verdade absoluta”.

Muitos pensadores, como o inglês Houston Stewart Chamberlain, que foi um dos inspiradores de Hitler, seguia as ideias do conde Artur de Gobineau, da França, sendo este talvez, o primeiro a dar uma “característica científica” a questão do posicionamento das raças, em relação ao que eles acreditavam ser as mais evoluídas. As ideias defendidas por Gobineau² eram justamente a “confirmação do nórdico como raça superior” e o perigo que a miscigenação representava para as gerações. Para ele a influência judaica era degradante para o desenvolvimento das sociedades europeias. Essa linha de pensamento vigorava há muito no território europeu, alguns acreditavam que seres vivos com algum tipo de deficiência física ou mental eram um infeliz insucesso da natureza, e por isso sua dizimação ocorreria naturalmente (SZKLARZ, 2014).

Um dos grandes defensores dessa ideia foi o pensador inglês Herbert Spencer (*Social Statics*, 1850). Que escreveu, em 1850: “Se eles não são suficientemente completos para viver,

² No livro: *Essai sur l'inégalité des races humaines* (Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas), 1853 (SZKLARZ, pg. 25, adaptado).

eles morrem, e o melhor é que morram” (SPENCER, 1850 apud SZKLARZ, 2014, pg.22). Essa assertiva misturada com a ideia de Evolução compreendida na época, principalmente sob influência do naturalista Charles Darwin, que diferentemente dos demais pensadores, estava realizando ciência genuína, gerou um desacerto, produzindo um conceito o qual o zelo pela condição racial tornava-se primordial, fazendo com o que a questão da miscigenação fosse vista de forma negativa, trazendo consigo problemas genéticos em sua formação. Segundo o mestre de Relações Internacionais, Eduardo Szklarz, Spencer foi o grande responsável pela popularização da palavra “evolução”, generalizando o processo evolutivo. [...] “é preciso desfazer um equívoco bastante comum: pensar que a ideia de evolução como explicação para diversidade cultural humana é decorrência direta da ideia de evolução biológica” (CASTRO, 2005, pg.24).

No final do século XIX foi criada uma pseudociência conhecida por Eugenia. O primo de Darwin, o matemático Francis Galton, estava à frente dessas pesquisas, pois tinha interesse pelas diferenças das características físicas humanas. Ele acreditava que tanto as características físicas como as mentais eram passado de pais para filhos. No entanto, ele não se deteve apenas nessa linha de raciocínio, propondo assim a ideia de produção de uma raça supostamente superior, a de, popularmente conhecida como a “raça puro-sangue”, no seu entendimento, “do mesmo jeito que é fácil produzir uma raça de cavalos e cães com altos padrões de corrida” (SZKLARZ, 2014, pg.23), seria bastante interessante e factível produzir uma raça de homens vigorosos, por meio de matrimônios bastante criteriosos. Assim, esses arranjos seriam entre pessoas consideradas excepcionais, magníficas, tanto fisicamente como intelectualmente, daí a necessidade de uma seleção extremamente rigorosa e criteriosa (SZKLARZ, 2014).

Os eugenistas, basearam-se nos argumentos da genética para levar adiante sua fixação na produção de uma “raça pura”. Interpretaram, de forma tendenciosa, as descobertas do austríaco Gregor Mendel, que ficou conhecido historicamente como o pai da genética. Nas suas pesquisas famosas com experimentos de cruzamento de ervilhas, Mendel pôde constatar em seus estudos, elementos que regem o mecanismo de reprodução, e os chamou de gene dominante e gene recessivo. Assim, os pensadores eugenistas associaram determinadas características do processo de cruzamento das ervilhas para afirmar seus pensamentos sobre linhagem pura e degenerada, pois, as ervilhas que possuíam a casca enrugada eram taxadas de degeneradas, por possuírem aspecto franzido, e as com a casca lisa eram vistas como puras, por

possuir aspecto polido³. Dessa forma, para os pensadores eugenistas, misturar ervilhas de casca enrugada com as de casca lisa tornaria a linhagem deteriorada (SZKLARZ, 2014).

Essa linha de pensamento sobre “linhagem pura” era conceito popular na Europa no século XIX. As exposições de cachorros por cruzamentos criteriosos começou a se popularizar entre os nobres britânicos. Esses cruzamentos tinham como intuito atingir a tão “exaltada” grandiosidade racial. Nesse contexto, essas ideias ultrapassaram para um patamar ainda maior, entendido pelo senso comum que o cruzamento criterioso era a chave para a obtenção da então aclamada, raça pura. O antropólogo, Cesare Lombroso, acreditava que as características genéticas influenciavam no comportamento e caráter dos seres. Bandidos já nasciam aptos a praticar hábitos maldosos, simplesmente por herdarem geneticamente traços físicos e comportamentais dos seus antecessores. Traços esses, considerados como uma “prova científica” apenas por possuírem algum tipo de deformidade física. Para Lombroso⁴, esses tipos de características eram suficientes para taxar uma pessoa como ladrão, assassino e delinquente.

Essas ideias se espalharam por muitos países. O “criminoso natural” passou a ser visto como detentor de um padrão físico específico. As mínimas “imperfeições” nos traços físicos do corpo, como: orelha muito grande, braços longos, testa propensa, queixo inclinado, dentre outras. Esse pensamento de “genes degenerados formadores de delinquentes” era visto como pertencente a um tipo diferente de categoria da espécie humana, era visto como uma classe inferior, primitiva, algo como um processo de formação da natureza que deu errado, mas que sobreviveu (SZKLARZ, 2014).

Nos Estados Unidos, pensadores de universidades estimadas, defendiam um raciocínio ferrenho a respeito da eugenia. Para esses intelectuais, a reprodução dos degenerados deveria ser barrada. Com a denominação de “eugenia negativa” esse discurso defendia a esterilização de mulheres que não se enquadravam nos padrões considerados normais, bem como possuísem algum laço familiar com algum criminoso, além de propagar leis de antimiscigenação e barrar imigração de estrangeiros latinos. Segundo o conselheiro do Museu de História Natural dos EUA:

³ Hoje, sabe-se que as ervilhas de casca enrugada não são degeneradas, mas sim, uma variação genética (SZKLARZ, 2014, pg.23).

⁴ Lombroso tinha origem judaica, embora não se identificasse como judeu. Inclusive abandonou seus dois primeiros nomes, Marco Ezechia, e adotou Cesare em homenagem aos imperadores romanos. E, num livro de 1894, Lombroso se refere aos judeus como fracos, neuróticos, mentirosos, ambiciosos e traidores” (SZKLARZ, 2014, pg.24).

Queiramos admitir ou não, o resultado da mistura de duas raças, no longo prazo, nos dá uma raça que reflete o tipo mais antigo, generalizado e inferior. O cruzamento entre um branco e um índio faz um índio; entre um branco e um negro faz um negro; entre um branco e um hindu faz um hindu; e o cruzamento entre qualquer das três raças europeias e um judeu faz um judeu (SZKLARZ, 2014, pg.25).

Segundo Szklarz, quando estava na cadeia, uma das leituras de Hitler foi a do livro *Princípios da Hereditariedade Humana e da Higiene Racial*, 1921, produzidos por médicos alemães que dialogavam com o líder da organização eugenista nos EUA. Dessa forma, na medida que as ideias eugenistas iam sendo disseminadas como sendo a verdade de fato, as políticas públicas americanas também foram se adaptando a este cenário.

Nos anos 20 e 30, eles criaram registros de “incapazes” e testes de QI para justificar seu encarceramento. Depois, conseguiram que 29 Estados dos EUA aprovassem leis para esterilizá-los. As primeiras vítimas foram pobres do Estado da Virgínia, e logo negros, mexicanos, epiléticos e alcoólatras. No total, cerca de 60 mil pessoas seriam esterilizadas à força nos EUA (SZKLARZ, 2014, pg.25).

Essas questões mostram que, a Alemanha nazista não foi pioneira dos programas de esterilização, e além dos EUA, à Suécia e a Finlândia também aderiram a procedimentos similares. No entanto, a Alemanha de Hitler foi muito mais longe que qualquer outra nação. Arrastou a pátria para uma Segunda Guerra Mundial ainda pior, palco de uma das maiores atrocidades já cometidas contra a humanidade. Para Lenharo:

Tudo levava a crer que nunca o ser humano descera tão baixo, nem aviltara tão gravemente sua própria condição de humanidade. [...] Tanto a população alemã, quanto a opinião pública internacional sabiam do que se passava, até mesmo com detalhes. Era muita gente envolvida nos campos da morte, para que o horror pudesse ser contido” (LENHARO, 1995, pag.7).

A opinião pública internacional estava envolvida nessas ideias esdrúxulas de “ranking racial”, onde qualquer pessoa era taxada como degenerada apenas por não possuir traços físicos considerados adequados. Assim, o que acontecia nos campos de concentração nazista não transtornavam as massas, pois, de certa forma, a consciência coletiva da época estava de acordo com os argumentos dos muitos intelectuais sobre a pureza racial. Como bem colocou Hannah Arendt, era perturbador que o regime contasse com o apoio das massas. Os alemães também eram significativamente bem informados sobre o que acontecia com os judeus e demais minorias, assim como sabiam sobre a política de guerra. Mesmo assim, consentiam de forma omissa e até mesmo envolvendo-se no movimento de vigilância e repressão aos infratores do regime nazista.

Dessa forma, a pseudociência contribuiu para a formação do consenso social perante questões defendidas pela ideologia nazista. Com as afirmações taxadas de “verdades científicas”, o regime propagou e disseminou ideias distorcidas sobre a evolução das espécies de maneira irresponsável e desumana. Essa linha de pensamento estritamente categórica e as teorias racistas dominavam não só a visão comum, como também boa parte da visão acadêmica da época. O que dificultava ainda mais pensamentos opostos que contestassem o que estava sendo posto como verdade cientificamente comprovada.

O antropólogo escocês e renomado cientista do seu tempo, Arthur Keith, no discurso de posse pela reitoria da universidade de Aberdeen, em 1930, exaltou que: “O nacionalismo era um poderoso fator de diferenciação na evolução das raças humanas, interpretando os preconceitos racial e nacional como inatos” (CASTRO, 2005, pg.19). O contexto europeu era de um cenário crescente de ideias racistas, belicistas e favorável ao processo de massificação do homem. “A ideologia racista oficial era de fato acatada e subassumida, servia de ponto norteador da conduta individual e coletiva da população” (LEHNARO, 1995, pag.9).

1.1.1 Antissemitismo e a auto interpretação judaica

O antissemitismo como ódio religioso aos judeus, historicamente, está ligado a versões populares de superstições medievais, bem como a ideia de que as calamidades sofridas pelos judeus desde o fim do Império Romano até a Idade Média ocorreram de maneira profética, onde os judeus sempre foram alvos de perseguições. O ponto relevante na história judaica para a relação dos judeus com os não judeus se desenvolveu no início do século XV até o fim do século XVI, quando a fragilidade dessa relação se tornou mais evidente. Isso ocorreu principalmente por conta do papel do povo judeu na interação com o mundo exterior. Para Hannah Arendt, “o judaísmo se tornou um sistema fechado de pensamento”. Não havia interesse dos judeus pelos acontecimentos e eventos ocorridos fora do seu ciclo doutrinário.

Dessa forma, sem qualquer diálogo com o mundo externo, os judeus começaram a pensar que a diferença fundamental entre eles e as nações, era de natureza interior e não de crença, ou seja, era mais dotado de origem étnica do que de incompatibilidade de pensamento. Essa forma de raciocínio só foi difundida entre o povo não judeu muito depois, no entanto quando se dissipou, constituiu condição para o nascimento do antissemitismo. Hannah Arendt reforça a importância desse fato relatando que,

[...] ocorreu primeiro como ato da auto interpretação judaica, surgido na época da fragmentação da cristandade europeia em grupos étnicos, os quais depois alcançariam a autonomia política, formando o sistema de Estados-nações (ARENDDT, 1989, pg.18).

A questão do ódio aos judeus é segmento da longa história das relações entre judeus e não judeus, desde os primórdios da dispersão judaica.

Os acontecimentos do século XX colocaram em evidência a questão judaica no cenário da política mundial como objeto de antipatia. Inicialmente, com a ascensão da agitação nazista e logo após com a formação estrutural da organização do Terceiro Reich, o qual dissipava aflição diária em boa parte da população por ter de provar que não eram judeus e/ou que não possuíam nenhuma ligação ou parentesco com eles. E em seguida a uma Segunda Guerra Mundial, onde, segundo Fest, a Alemanha foi varrida, ocupada e dividida, sendo palco do genocídio, crime humanitário que até então não se tinha conhecimento de suas qualificações como violação de direitos na sociedade ocidental. Arendt afirma que:

O antissemitismo e o totalitarismo – mal haviam sido notados pelos homens cultos, porque pertenciam à corrente subterrânea da história europeia, onde, longe da luz do público e da atenção dos homens esclarecidos, puderam adquirir virulência inteiramente inesperada (ARENDDT, 1989, pg.21).

Ao contrário do que muitos pensam, Arendt diz que o antissemitismo não é identificado como nacionalismo exacerbado. Na verdade, enquanto declinava o nacionalismo tradicional o antissemitismo do século XX crescia, atingindo seu ápice quando os Estados-nação europeus entraram em colapso. Exemplo disso foram os primeiros partidos antisemitas da última década do século XIX que se coligavam em nível internacional e desde o início interagiam na esfera intereuropeia. Como também, os nazistas explicitaram diversas vezes que seus interesses de esfera internacional eram mais importantes do que o próprio Estado. Hannah Arendt aponta em seus estudos que uma questão a ser observada do antissemitismo é o fato de estar ligado a falta de funções públicas de influência na condução do país, por parte dos judeus. Quando Hitler alcançou o poder, os bancos alemães já estavam quase sem judeus nos seus ofícios. Cargos esses que historicamente, por mais de cem anos, eram ocupados por judeus em posições importantes.

O antissemitismo alcançou o seu clímax quando os judeus haviam, de modo análogo, perdido as funções públicas e a influência, e quando nada lhes restava senão sua riqueza. [...] Em outras palavras, nem a opressão nem a exploração em si chegam a constituir a causa de ressentimento: mas a riqueza sem função palpável é muito mais intolerável, porque ninguém pode compreender – e conseqüentemente aceitar – por que ela deve ser tolerada (ARENDDT, 1989, pg.24).

Segundo as ideias de Foucault (1979), o fato de ter o poder como agente catalisador no direcionamento do Estado faz com que esse poder seja obedecido e tolerado pelo homem. Em contrapartida a isso, a riqueza sem função política gera revolta, sendo os detentores dessa riqueza sem poder, vistos como aproveitadores. Nessas condições desaparecem os últimos laços que mantêm o elo entre os homens. Outra argumentação é a que mostra os judeus como grupo impotente, quando foram envolvidos nos conflitos da época, podendo assim, serem facilmente responsabilizados por esses conflitos. Esse raciocínio coloca os judeus como grupo que foi escolhido arbitrariamente para levar a culpa de uma calamidade. Segundo Hannah, “O fato de ter sido ou estar sendo vítima da injustiça e da crueldade não elimina a sua co-responsabilidade.” No entanto, o surgimento do terror, como arma de gestão do Terceiro Reich aumentou a credibilidade da argumentação dos judeus como eterno bode expiatório.

A diferença fundamental entre as ditaduras modernas e as tiranias do passado está no uso do terror não como meio de extermínio e amedrontamento dos oponentes, mas como instrumento corriqueiro para governar as massas perfeitamente obedientes. O terror, como o conhecemos hoje, ataca sem provocação preliminar, e suas vítimas são inocentes até mesmo do ponto de vista do perseguidor. Esse foi o caso da Alemanha nazista, quando a campanha de terror foi dirigida contra os judeus, isto é, contra pessoas cujas características comuns eram aleatórias e independentes da conduta individual específica (ARENDDT, 1989, pg.26).

No regime totalitário se faz preciso o uso do terror como instrumento essencial para a realização de uma ideologia específica, e essa ideologia deve obter a aceitação de boa parte, até mesmo da maioria, antes que o terror como arma de governo seja estabelecido. Os judeus, antes de serem os principais alvos do terror moderno, constituíam o ponto central do interesse da ideologia defendida pelos nazistas. Nos argumentos da explicação dos judeus como bode expiatório é ignorada a importância das razões pelas quais os judeus foram colocados no centro dos acontecimentos. E semelhantemente disseminada é a ideia do pensamento do “eterno antissemitismo”, a qual os judeus são retratados como grupo perseguido durante toda sua existência como comunidade judaica. Dessa forma o ódio aos judeus é visto com algo normal e comum de um problema já existente.

O antissemitismo moderno deve ser encarado dentro da estrutura geral do desenvolvimento do Estado-nação, enquanto, ao mesmo tempo, sua origem deve ser encontrada em certos aspectos da história judaica e nas funções especificamente judaicas, isto é, desempenhadas pelos judeus no decorrer dos últimos séculos (ARENDDT, 1989, pg.29).

Os antisemitas se esquivam da responsabilidade pelos seus feitos, assim como os judeus se recusam a discutir sua parcela de responsabilidade. É importante salientar que o surgimento e o progresso do antissemitismo moderno foram paralelos e interligados à assimilação judaica. Dessa forma, os judeus entenderam que o antissemitismo podia ser um notável meio de manter o povo unido, e que a crença no “eterno antissemitismo” era uma garantia da existência judaica. Nessas condições, a atitude supersticiosa de ser o povo escolhido por Deus com fantasia messiânica, era fortalecida pela hostilidade cristã durante os séculos. O judeus subestimaram a crescente onda antisemita por considerarem um fator de retrocesso. O descuido na compreensão de sua história foi em parte, responsável pelo menosprezo dos perigos que estavam por vir. “[...]Nos campos de extermínio nazistas os judeus eram assassinados de acordo com a explicação oferecida por essas doutrinas à razão do ódio: independentemente do que haviam feito ou deixado de fazer, independentemente de vício ou virtude pessoais” (ARENDDT, 1989, pg.28).

No auge do desenvolvimento do século XIX, foi concedido aos habitantes judeus, pelo Estado-nação, a igualdade de direitos. No entanto, as contradições são evidentes. No decorrer dos séculos, os governos haviam feito da nacionalidade pré-requisito para obtenção da cidadania, e da homogeneidade de população padrão da estrutura política. O conceito revolucionário de igualdade, surgido na falência da ordem feudal, defendia que não se podia mais admitir uma “nação dentro de outra nação.” Dessa forma, o direito à emancipação concedida aos judeus pelo sistema de Estados nacionais europeus durante o século XIX, significava ao mesmo tempo, o desmoronamento da antiga independência da comunidade judaica e o constante cultivo da ideia dos judeus como grupo separado na sociedade e a restrição de direitos especiais apenas para a parcela judaica que beneficiava o governo em ajuda e consultorias financeiras.

Mas, na era imperialista, a riqueza dos judeus havia se tornado insignificante; para a Europa, desprovida de equilíbrio de poder entre as nações que a compunham, e carente de noções de solidariedade intereuropeia, o elemento judeu, intereuropeu e não nacional, tornou-se objeto de ódio, devido à sua riqueza inútil, e de desprezo, devido à sua falta de poder” (ARENDDT, 1989, pg.35).

Apesar dos judeus, ainda no século XIX obter posição de destaque, pelo fato de terem sido a única parte da população com disposição para financiar o Estado na sua formação em Estado-nação, não foi o bastante para salva-los de serem alvo de hostilidades, quando a sua utilidade econômica já não tinha tanta importância. O judeus constituíam unidade intereuropeu por não possuir território e governo próprio. Essa condição judaica permanecia total importância para o Estado, especialmente em tempos de guerras e hostilidades entre as nações. Para Hannah Arendt, os judeus:

[...] continuaram mantendo a característica de grupo internacional, cuja importância e utilidade decorriam precisamente do fato de nunca terem ligado a qualquer causa nacional. E [...] os tratados de paz após a Primeira Guerra Mundial foram os últimos nos quais os judeus desempenharam papel proeminente como consultores (ARENDDT, 1989, pg.41).

Um fato interessante que os governos da época agiram na questão da utilização dos judeus nos negócios de guerra e paz, é o caso dos judeus serem proveitosos no contexto da guerra, pois são usados como elemento não-nacional, com objetivo de restabelecer a paz de acomodação, no sentido de apaziguar a disputa e permitir a vida em conjunto, mesmo que seja de natureza temporária. Mas, quando o objeto das guerras tornou-se de cunho ideológico, destinando-se a eliminar o inimigo, os judeus deixaram de ter serventia.

[...] os judeus, o único povo não-nacional da Europa, foram mais ameaçados que quaisquer outros pelo colapso do sistema de Estados nacionais. [...] É ainda um dos aspectos mais comoventes da história judaica o fato de que o ingresso dos judeus na história da Europa tenha sido motivado por constituírem um elemento intereuropeu e não nacional num mundo estruturado nacionalmente (ARENDDT, 1989, pg.42-3).

Por não terem qualquer experiência e nem tradição política não percebiam a crescente inquietude entre o Estado e a sociedade, e nem os riscos o quais estavam sujeitos, decorrente da função a qual faziam parte na sociedade europeia. Também foram os últimos a perceberem as situações as quais, estavam os colocando no centro das hostilidades. Dessa forma, os judeus nunca souberam ponderar com precisão a realidade que estava por vir. Nunca perceberam quando a discriminação se convertia em discurso político, assim como nunca conseguiram avaliar o antissemitismo de fato. O fato é que o antissemitismo há muito já havia se alastrado em praticamente todos os países europeus, assim como nas suas camadas sociais. Assim, quando aflorou acabou unido a um só quesito de argumentação para a opinião pública.

Outro fato que facilitou as camadas sociais tornarem-se antisemitas foi justamente o descontentamento com o Estado, pois a única categoria que aos olhos da massa representava o Estado eram os judeus. Os trabalhadores alemães foram à única categoria social que não se contrapôs ao Estado, e não se envolveu logo na persuasão das propagandas nazistas. Isso porque estavam enredados e concentrados na questão de luta de classes, principalmente em conflito com a burguesia, categoria a qual os judeus certamente não pertenciam. E também equipados com o conjunto de ideias marxista.

A ideia assimilada pela sociedade era de que a união dos judeus derivava de laços consanguíneos ainda mais estreitos, e que a família era para eles símbolo de importância política e econômica. Hannah Arendt afirma que a consequência disso foi clara, “Quando por motivos que nada tinham a ver com a questão judaica, os problemas raciais ocuparam o centro do cenário político” (ARENDR, 1989, pg.48). E dessa forma, o povo judeu foram imediatamente colocado como alvo para os problemas da época pelas ideologias e doutrinas que taxavam os grupos de pessoas por características genéticas e laços de sangue.

1.1.2 Ocultismo

A crença de que os alemães faziam parte de uma raça superior já existia bem antes do partido nazista se organizar e chegar ao poder. As concepções ocultistas dos arisofistas austríacos influenciaram o nacionalismo *völkisch*⁵ alemão de maneira determinante nas teorias raciais de supremacia da raça ariana.

Uma das correntes de pensamento que estava em alta na Áustria, bem antes da Primeira Guerra Mundial, era a Arisofia, que significava “sabedoria sobre os arianos”. Guido von List e Jörg Lanz von Liebenfels, foram os pioneiros desse credo. Segundo Goodrick-Clarck, essa concepção misturava alguns pensamentos, sendo esses; “o nacionalismo *völkisch* alemão, o racismo com noções ocultas “emprestadas” do pensamento da russa Helena Blavatsky,

⁵ Segundo George L. Mosse comentou sobre as conotações espirituais da palavra "Volk", durante o século XIX este termo significava muito mais do que sua simples tradução, "povo", para os alemães contemporâneos: denotava a coletividade nacional inspirada por uma energia criativa comum, os sentimentos e senso de individualidade. Estas qualidades metafísicas definem a essência cultural única do povo alemão (GOODRICK-CLARK, 2004, pg.14).

precursora da Teosofia⁶, a fim de profetizar e reivindicar uma *era* vinda do domínio mundial alemão” (GOODRICK-CLARK, 2004, adaptado, pg.13).

Esses dois racistas e antisemitas obstinados defendiam a união de todos os povos de língua germânica da Europa, sob a condução da Alemanha, bem como, acreditavam que na antiguidade existia uma sociedade de raça ariana pura e superior, e que tinha sido governada por um sábio sacerdote de conhecimentos gnósticos. Esse, por sua vez, um conhecimento esotérico único, o *gnosis*, conduzido por seitas heréticas. Nas crenças de List e Lanz, havia uma conspiração maligna anti-alemã, e que tinha como objetivo arruinar o ideal de “mundo germânico” “ao emancipar os inferiores não-alemães em nome de um igualitarismo espúrio” (GOODRICK-CLARK, 2004, pg.13). Os arisofistas renegavam a geopolítica no mundo moderno, e buscavam defender um novo império pangermânico, com as virtudes raciais dos seus antepassados arianos. Goodrick diz que:

O papel e a importância do ocultismo em suas doutrinas é principalmente explicáveis como uma forma sagrada de legitimação para sua reação profunda diante do presente e suas extremas atitudes políticas. As fantasias dos arisofistas se preocupava com o elitismo e pureza, um sentido de missão em face as conspirações. E visões milenaristas de um futuro nacional feliz (GOODRICK-CLARK, 2004, pg.13).

Nesse conto social, o editor da revista *The Hammer* (O Martelo) Theodor Fritsch, fundou a seita *Reichshammerbund* (Liga do Martelo) e a sociedade secreta *Germanenorder* (Ordem dos Germanos). Essas organizações eram altamente racistas, antisemitas e de caráter ocultista. Possuíam peculiares rituais para os que quisessem iniciar participação no grupo, como por exemplo, para fazer parte da *Reichshammerbund* era necessário que o candidato provasse o seu “sangue ariano”, assim como o de seu conjugue, se fosse casado. E, segundo Goodrick-Clarck, o principal objetivo da *Germanenorder* era o monitoramento dos judeus, e bem como, das suas atividades. No início do século XX, as ideias da Ariosofia já estavam no plano político de líderes antisemitas e nacionalistas, como o barão Rudolf von Sebottendorff, propagandeava o discurso de que os judeus eram de fato o maior problema da Europa e que a inferioridade deles era de cunho biológico. Dessa forma, o barão fundou a sociedade secreta Thule, que foi sucessora da *Germanenorder* de Fritsch (GOODRICK-CLARK, 2004).

⁶ “Corrente de pensamento que mistura diversas crenças religiosas e filosóficas, tais como: gnosticismo, hinduísmo, esoterismo, dentre outras e até mesmo o espiritismo com uma visão distorcida da teoria evolucionista de Darwin” (SZKLARZ, adaptado, 2013, pg.21).

A Thule foi fundada em Munique em 1918, e nos seus rituais contava com as melodias das óperas de Richard Wagner, compositor antisemita preferido de Hitler. As sessões possuíam uma sutil atmosfera ocultista e seus objetivos políticos eram justamente combater os judeus e comunistas, bem como disseminar o racismo e articular ações com pretensão de tomar o poder na Alemanha. Dessa forma, e em Dezembro de 1918, o plano de sequestrar o primeiro-ministro da Bavária, o judeu e socialista Kurt Eisner, falhou, pois ele acabou sendo morto com um tiro nas costas pelo encarregado do sequestro. Tempo depois do ocorrido, comunistas executaram alguns membros da Thule, inclusive o líder, Walter Nauhaus, bem como tomaram o poder em Munique (SZKLARZ, 2014). Em seu livro, *Bevor Hitler kam: Urkundliches aus der Friihzeit der nationalsozialistischen Bewegung, 1933*, Rudolf von Sebottendorff, escreveu a seguinte passagem: “Os membros da Thule foram as pessoas a quem Hitler primeiro se ligou, e os que primeiro se aliaram com ele” (GOODRICK-CLARCK, 2004, pg.157).

A organização foi diluída nos anos 20, mas suas ideias influenciaram alguns nazistas que haviam frequentado. Gente como Alfred Rosenberg (teórico do Partido Nazista), Max Amann (general da SS), Dietrich Eckart (mentor de Hitler), Rudolf Hess (o vice de Hitler) e Anton Drexler, que em 1919 fundou o Partido dos Trabalhadores Alemães (DAP, antecessor do Partido Nazista, NSDAP)” (SZKLARZ, 2014, pg.35).

Apesar de Hitler não dar muita atenção para questão esotérica, Heinrich Himmler, chefe da SS, tinha uma tanta fixação pelo tema, e chegou a ter um mago particular, conhecido como Karl Maria Wiligut. Esse por sua vez, ingressou na SS em 1933, assumindo um posto de chefe do Departamento de Pré-História. O então conselheiro de Himmler mudou seu último de Wiligut para Weisthor, pois acreditava também ser descendente do deus nórdico Thor. Himmler almejava a criação de princípios germânicos, baseada nas crenças dos antigos teutônicos.

Himmler dispunha de soluções pragmáticas para questões existenciais também no que dizia respeito ao próprio pessoal. Respostas para a questão da transitoriedade humana não deveriam ser procuradas na área religiosa, mas na veneração aos ancestrais propagada por ele. Em sua opinião, o culto aos ancestrais fortalecia a consciência de que a própria vida estava integrada à continuidade da sequência das gerações; a transitoriedade do indivíduo deveria ser compensada pela “imortalidade do povo” (LONGERICH, 2013, pg.283).

Dentre os inimigos defendidos por ele, estava o cristianismo. Em um discurso aos generais de exército da SS em 9 de junho de 1942:

Teremos de enfrentar o cristianismo de maneira mais energética do que até agora. Temos que dar um jeito nesse cristianismo, a maior peste que pôde acontecer na nossa história, que nos enfraqueceu para qualquer disputa. Se a nossa geração não cuidar disso, eu acho que ainda continuará por muito tempo. Devemos confrontar essa tarefa dentro de nós mesmo” (LONGERICH, 2013 pg.231).

Hitler, no entanto, se relacionava com o cristianismo de maneira pragmática, para ele as crenças religiosas eram irrelevantes, contanto que não interferissem a concretização de seus objetivos políticos. É tanto que foi assinado uma concordata em 1933 entre o Estado alemão e o Papa Pio 12, mas que rapidamente foi violado pelos nazistas.

Himmler costumava distribuir entre os membros da SS uma série de presentes cheios de simbologia. As festas do solstício do verão e do inverno eram acontecimentos importantes por toda conotação mística que os mimos presenteados por Himmler representavam. Desde castiçais de prata até anéis com caveira e espadas de honra. Além disso foi instituído por ele, diversas cerimônias de festas de casamento, ritos de enterro e até uma formalidade referente ao batismo, seguidas sempre de leituras de passagem do *Mein Kampf* e decoradas com solenidades nazistas. As celebrações do solstício de verão sinalizavam o encerramento anual das competições de força física entre os membros da SS, já o solstício de inverno deveriam ocorrer competições de teor intelectual entre os membros, sendo necessário a preparação de tábuas genealógicas e história das famílias, assim como noção do culto aos ancestrais.

Em 1936, referindo-se à realização das festas do solstício de inverno, Himmler explicou: “O solstício de inverno não é só o fim do ano, do Yule, ao qual se seguem as 12 noites sagradas, quando começa o ano novo, mas o solstício de inverno era, sobretudo, a festa na qual se honrava os ancestrais e o passado, uma festa na qual o indivíduo se conscientizava de que não era nada sem os ancestrais e sua veneração, que não passava de um pequeno átomo, removível a qualquer momento, enquanto tudo era integrado com humildade genuína à cadeia infinita da linhagem, do ancestral aos netos” (LONGERICH, 2013, pg.309).

Para Alcir Lenharo, no que corresponde a esse aspecto místico de cultos proferidos e a estetização da política nazista, ele afirma:

Era sobretudo nas cerimônias fúnebres noturnas que a política estetizada do nazismo alcançava resultados deslumbrantes. [...] Esse era um recurso teatral bastante utilizado pelos nazistas: “exorcizavam” acontecimentos de forma a corrigi-los “historicamente”, impregnado de significado “puro” e “original” aquilo que se dera fora dos desejos nazistas.” [...] Em um dos rituais, o culto da Bandeira de Sangue, que era uma comemoração da morte com o porta-bandeira Andreas Banrield, no *Putsch* de Munique, seu sangue escorreu sobre a bandeira que carregava. Essa bandeira ficou conservada como um artefato especial e passou a ser utilizada para consagrar as bandeiras das unidades novas da SS e SA. Nesse ritual, Hitler segurava em uma das mãos a bandeira de Banrield, e na outra as novas bandeiras que seriam consagradas, circulava também um líquido desconhecido, utilizado no rito. Dessa forma, “O ritual se referia a uma “transfusão mística”, semelhante à da benção da água e à transformação eucarística do catolicismo. Quem não vê na consagração do pão, uma espécie de sacramento alemão, corre o risco de não compreender nada do hitlerismo” (LENHARO, 1995, pg.43-4).

A importância dos locais onde ocorreria as celebrações e rituais era aspecto crucial para Himmler, pois no seu entendimento o cenário precisaria ser digno da grandeza germânica e do passado alemão. Por esse motivo o castelo de Wewelsburg, localizado na região da Westfália foi escolhido para as principais conferências da SS e também para pesquisas em relação a visão que o nazismo tinha do mundo. A cerca de 20 quilômetros de Wewelsburg, encontrava-se mais um “centro cultural” da SS. Segundo Longerich, “tratava-se de uma imponente formação rochosa que, na percepção difundida dos círculos *Völkisch*, representava um santuário germânico” (LONGERICH, 2013, pg. 314). O qual, Himmler acreditava ser um local de adoração germânica. Sua obsessão era tanta, que queria comprovar cientificamente sua tese. No entanto não foi encontrado nenhuma prova de uma pré-história “germânica” no local. Até mesmo Hitler, em um evento noturno comum, disse a Himmler que o Externsteine, como era chamado, não foi, com certeza local de adoração (LONGERICH, 2013).

Outro local inaugurado foi o Sachsenhain, esse por sua vez para o solstício de verão de 1935, e também foi alvo de alegações por parte do chefe da SS. Longerich afirma que:

A história dos três centros evidencia que a tentativa de Himmler de celebrar uma ideologia própria da SS, com ajuda de locais sagrados, rituais e presentes simbólicos, não avançou: os modelos de “culto” acabaram ficando tão indefinidos quanto seus conteúdos. Do ponto de vista de Himmler, a razão parece ter sido clara: não era ele quem se encontrava no caminho errado – a Alemanha nazista simplesmente ainda não estava madura para aceitar sua religião substituta” (LONGERICH, 2013, pg.316).

O peso mitológico também era demonstrado no tratamento com a mulher alemã. As atribuições concedidas a elas eram de “guardiãs da raça ariana”. Na qual, implicava para a mulher germânica uma limitação total de seu espaço público de atuação, bem como facultando-lhe tão somente a condição de reprodutora. Confinada no lar para serviços domésticos e para ser submetida ao marido. Também foi exaltada ao sagrado por suas funções biológicas e criada

para ser naturalmente um ser puro e ingênuo. Não deveria, e nem podia participar da política. Dessa forma, o Estado também utilizava dessa estratégia para manutenção da ordem e mantê-las retidas em casa. Para Lenharo:

Se tais construções mitológicas quase sempre recorrem ao mundo rural, historicamente anterior à industrialização, a mulher camponesa, com todos os atributos de feminilidade, é erigida como a base para a armação ideológica da “nova ordem” nazista. A mulher camponesa está próxima da terra e dos ancestrais, e conjuga portanto, perfeitamente, a visão essencial do “sangue e solo. (LENHARO, 1995, pg.69)

O autor observa que não é pelos meios econômicos que o misticismo nazista pode ser compreendido. Segundo ele, o erro básico é rejeitar ou ridicularizar as questões da alma e da mente, e entender, que estas movem tudo.

1.1.2.1 Obsessão pela questão de raça

O papel desempenhado pelos médicos da Alemanha Nazista foi bastante notório na fixação de produzir um projeto de purificação da raça ariana. Os princípios morais do juramento de Hipócrates⁷ foram facilmente substituídos por uma ideologia que matava em escala industrial. Os médicos nazistas deram um novo significado ao conceito de saúde pública, Contribuíram de maneira precisa para a efetivação de todas as etapas do projeto de “higienização” da Alemanha. Esse projeto consistia na esterilização forçada dos indivíduos considerados “defeituosos” e “indignos de viver”. E assim, a eutanásia, ganhou um novo significado, aos moldes nazista, onde as vidas das pessoas seriam sacrificadas por motivo extremamente banal, como por exemplo, não possuir características físicas consideradas adequadas. Hitler havia deixado claro que essa nova visão de saúde pública era de fato o mais coerente a se fazer, quando escreveu:

O papel do mais forte é dominar. Não se deve misturar com o mais fraco, sacrificando assim a grandeza própria. Somente um débil de nascença poderá ver nisso uma crueldade, o que se explica pela sua compleição fraca e limitada” (ADOLF, 2012, versão em português, pg.270).

⁷ Juramento solene efetuado pelos médicos na ocasião de sua formatura, o qual juram praticar o exercício da medicina de maneira honesta e ética.

Em julho de 1933 já começa a vigorar a lei de esterilização de doentes hereditários. Assim como o banimento dos judeus nas áreas de atuação profissional, pela Lei de Restauração do Serviço Público. Os campos de concentração já estavam a toda carga. Em 1935, o regime especificou sua política voltada para questão da taxa de natalidade, através de criação das *Lebensborn*, (fonte de vida), uma espécie de “fábricas de bebês”, que tinha como objetivo aumentar o “nível de pureza” da raça ariana e incentivar a procriação. Na prática, as moças solteiras se deixavam engravidar por soldados da SS, se profissionalizando muitas vezes como prostitutas-reprodutoras, recebiam dinheiro e proteção e os bebês podiam ser entregues a famílias alemãs. No princípio, essa “fonte de vida” funcionavam como maternidades e creches para os filhos dos membros da SS, logo depois se transformaram também em verdadeiras “fábricas de bebês”. As mulheres solteiras que aceitavam fazer parte desse programa passavam por uma seleção rigorosa, as loiras de olhos azuis eram as de preferência (SZKLARZ, 2013).

A esterilização para homens e mulheres era estipulado através de um decreto com algumas condições, são elas: deficiência mental e física congênita, esquizofrenia, epilepsia, transtorno maníaco depressivo, surdez hereditária, cegueira hereditária, doença de Huntington (que era uma espécie de demência, degeneração dos neurônios) e até mesmo alcoolismo. Esse procedimento chegou também ser aplicado em pessoas consideradas degeneradas e criminosas, pois na concepção nazista esse tipo de característica também era passado de pais para filhos. Em 1935, foi aprovado também uma emenda para legalização do aborto “para prevenir o nascimento de crianças com problemas hereditários” (SZKLARZ, 2014, pg.107). Sendo esse procedimento realizado não apenas se a mãe fosse doente, mas também se o pai sofresse algum tipo de natureza hereditária comprometedor (SZKLARZ, 2014).

Os médicos alemães agiam, em seu entendimento, em favor da saúde racial e da preservação da Alemanha. À medida que o regime nazista foi se convertendo cada vez mais totalitário, a eugenia se tornou base curricular fundamental para a formação dos profissionais de saúde. O professor da universidade de Freiburg, e também diretor do instituto de Eugenia de Berlin, KWIA (*Kaiser Wilhelm Institute for Anthropology, Human Genetics, and Eugenics*), Eugen Fischer, era o responsável pelo treinamento dos cirurgiões. E, segundo Proctor, em 1940, ele e demais colegas chegaram a publicar um número bastante plausível de literatura acadêmica a respeito da higiene racial e de áreas similares. “Seus colegas cientistas e médicos tornaram-se “especialistas raciais”, e prestaram depoimentos nos tribunais relativos as questões de mandato de esterilização obrigatória, pureza racial, e de paternidade” (PROCTOR, 1988, pg.3). Sendo esses mesmo especialistas acionados para lecionar médicos e professores da SS.

Entre 1936 e 1937, o psicólogo e professor alemão, “Kurt Gottschaldt começou um estudo sobre gêmeos sob os auspícios do Instituto Fischer. Campos especiais para gêmeos foram estabelecidos ao longo do Mar Norte” (PROCTOR, 1988, pg.3), com o objetivo de estudar se os traços comportamentais dos internos eram herdados ou adquiridos. O estudo foi financiado pelo Terceiro Reich, “no intuito de demonstrar conclusivamente que a questão da hereditariedade era a chave para o talento e para as imperfeições humanas” (PROCTOR, 1988, pg.3). O eugenista Otmar von Verschuer, substituiu Fischer na direção do KWIA (*Kaiser Wilhelm Institute for Anthropology, Human Genetics, and Eugenics*) em 1942. Verschuer contribuiu para as pesquisas no campo da higiene racial focando suas pesquisas nos gêmeos. Entre 1943-1944, “recebeu financiamento para realizar uma análise de dados segura dos corpos dos gêmeos que estavam sendo mantidos em campos de concentração” (PROCTOR, 1988, pg.3). E, todo esse trabalho foi acompanhado pelo famoso, Dr. Josef Mengele (PROCTOR, 1899). Esse, por sua vez, ficou bastante conhecido anos depois como o “anjo da morte” de Auschwitz. E em seus relatos sobre a experiência em também trabalhar com Mengele, o *Sonderkommando*⁸, Nyiszli lembra:

Mengele logo percebeu que seu trabalho no campo ofereceu oportunidades ideais na sua área de interesse, que era a pesquisa de gêmeos. Para Verschuer, seu supervisor, a pesquisa sobre gêmeos era dificultada pelo fato de os gêmeos geralmente morrem em idades diferentes. Mas no campo, Mengele poderia garantir que os dois morressem ao mesmo tempo. No entanto, normalmente ele mantinha gêmeos vivos selecionados em uma rampa na parte especial do acampamento, sujeitando-os às experiências muitas vezes dolorosas e ocasionalmente fatais, cujos efeitos colaterais incluíram surdez e muito mais além. A pesquisa foi realizada sem sentido, pelo fato de que ele era incapaz de dizer se os gêmeos eram idênticos, e em alguns casos irmãos que estavam próximos uns dos outros em idade e aparência se fizeram passar para ele como gêmeos. Ele também se envolveu em outros experimentos, ajudando as pesquisas de Verschuer, ele selecionava prisioneiros que tinham heterocromia (olhos de cores diferentes) e matava instantaneamente. Na ocasião, os prisioneiros-assistentes “boicotavam” esse experimento, embalando todos juntos, olhos de cores diferentes de pessoas diferentes, sem dizer nada a ele. Mengele experimentou terapias para *Noma*, uma condição facial dolorosa causada por desnutrição grave; o objetivo foi apenas um relatório de pesquisa, e não para curar os pacientes. E mesmo se o tratamento foi bem-sucedido, ele parava os procedimentos uma vez que provasse seu ponto. Outro experimento realizado foi o de injetar corantes nos olhos de prisioneiros para tentar mudar suas cores, um procedimento não só doloroso e prejudicial, mas cientificamente inválido também” (NYISZLI, 2012, pg.8-9).

O serviço de saúde alemão agia também como um sistema de vigilância, onde todos que atuavam na área de saúde tanto pública quanto particular, se envolviam na delação dos pacientes

⁸ “*Sonderkommando*, era uma espécie de “Special Squad” de judeus prisioneiros em que suas tarefas consistiam em remover os corpos das vítimas das câmaras de gás e extrair desses corpos as partes que a SS exigia, como por exemplo: cabelo e dente de ouro, e logo após cremar o resto do que sobrou e, bem como, fazer a limpeza dessas câmaras para serem usadas novamente (NYISZLI, 2012, pg.9).

considerados perigosos, as autoridades. Hitler distorceu e desvirtuou o conceito de eutanásia e ordenou a eliminação de todos aqueles que não se encaixassem nos padrões de estética racial nazista. Em um discurso de campanha, falou que o Estado não iria mais gastar milhões de dinheiro para manter os “débeis mentais”. Assim, foi criado um comitê para Registro de Doenças Hereditárias e Congênitas, afim de pôr em prática o projeto para eliminar as vidas consideradas indignas. As primeiras vítimas foram as crianças e tempo depois os adultos (SZKLARZ, 2014).

As crianças eram levadas a uma das muitas unidades pediátricas, que na prática, funcionavam como locais em que elas seriam assassinadas. O comitê mentia para os familiares das crianças, inventando que elas iriam ficar internadas em prol do tratamento médico que salvaria suas vidas, no entanto, quando a mentira não funcionava, o governo ameaçava tirar a guarda das crianças dos pais e tê-las sob sua custódia. Dessa forma, os médicos faziam relatório das crianças que nasciam com alguma deficiência física ou mental, revisavam os prontuários delas e decidiam a viabilidade de deixá-las vivas, ou não. Quando decidiam por assassinar a criança, os métodos utilizados variavam, como por exemplo: Aplicava-se morfina, cianeto, gás, e inclusive, até deixavam as crianças sem comida, até elas morrerem de inanição. Uma vez mortas, os corpos das crianças eram cremados para evitar qualquer tipo de autópsia e questionamentos à respeito da causa do óbito e, os restos mortais eram enviados para as famílias juntamente com uma carta forjada por eles, mentindo a causa da morte, geralmente essa causa era dita como causa natural (FRIEDLANDER, 1995).

Nesse contexto, Hitler ampliou o programa da “eutanásia” para abarcar também os adultos. Nesse contexto, foi criado um programa chamado *Aktion T4* ou simplesmente T4. Segundo Henry Friedlander:

Para este tipo de operação, Hitler "desejava uma solução sem burocracia." Por isso, o escritório mudou-se da Chancelaria, que ficava em uma casa judaica confiscada, no número 4, em *Tiergarten Strasse*; e por causa deste endereço: “*Tiergarten Strasse* número 4”, a eutanásia adulta foi logo conhecida como Operação T4, ou simplesmente como T4. Como na eutanásia infantil, o T4 criou várias organizações de fachada para esconder o envolvimento da Chancelaria. A Cooperativa Reich para hospitais estaduais e asilos serviu como frente para o consultório médico T4” (FRIEDLANDER, 1995, pg.11).

Foram estabelecidos nesse programa centros de extermínio, sendo eles: “Brandenburg, Grafeneck, Hartheim, Sonnenstein, Bernburg, e Hadamar” (FRIEDLANDER, 1995, pg.14). Dos seis centros, quatro deles estavam funcionando ao mesmo tempo. “Esses centros de extermínio eram geralmente; um edifício, dois eram castelos, três eram hospital, e uma prisão” (FRIEDLANDER,

1995, pg.14). O T4 funcionava da seguinte forma: os hospitais deviam reportar ao programa sobre os pacientes considerados inadequados para os padrões raciais nazistas, sendo esses pacientes considerados “indignos de viver”. Por meio desses formulários elaborados pelos hospitais, os pacientes eram levados a essas localidades, sob o nome de “instituições psiquiátricas”. Essas instituições foram “reformadas” com equipamentos e instalações de câmaras de gás e incineradores. Após chegar, os pacientes, eram imediatamente despidos e apresentados aos médicos. Esses por sua vez, a partir dos seus registros clínicos, formulários e com base em sua impressão pessoal, tomavam a decisão final (FRIEDLANDER, 1995). Os pacientes, os quais a eutanásia foi recomendada eram fotografados de pé, sentados, de frente e de lado. E então, escoltado para a câmara de gás.

Nesta sala, que foi enganosamente equipada com chuveiros falsos, nada mais eram do que tubos que permitiam a entrada de monóxido de carbono. Depois que todos os pacientes estavam reunidos na sala, o médico soltava o gás por cerca de dez a quinze minutos e observava o efeito através de uma janela, até que os pacientes morrerem. Após cerca de uma hora, os cadáveres eram retirados e então queimados em instalações de incineração. Acontecia também, experimentos de tortura, onde órgãos e partes do corpo dos pacientes eram removidos para pesquisa médica. Os procedimentos realizados no T4 eram secretos, por isso os médicos forjavam atestados de óbitos para enviar aos familiares (FRIEDLANDER, 1995). “A família em geral recebia uma carta dizendo que o paciente havia “chegado bem” ao hospital. Dias depois, vinha um telegrama de condolências informando o falecimento” (SZKARZ, 2014, pg.112).

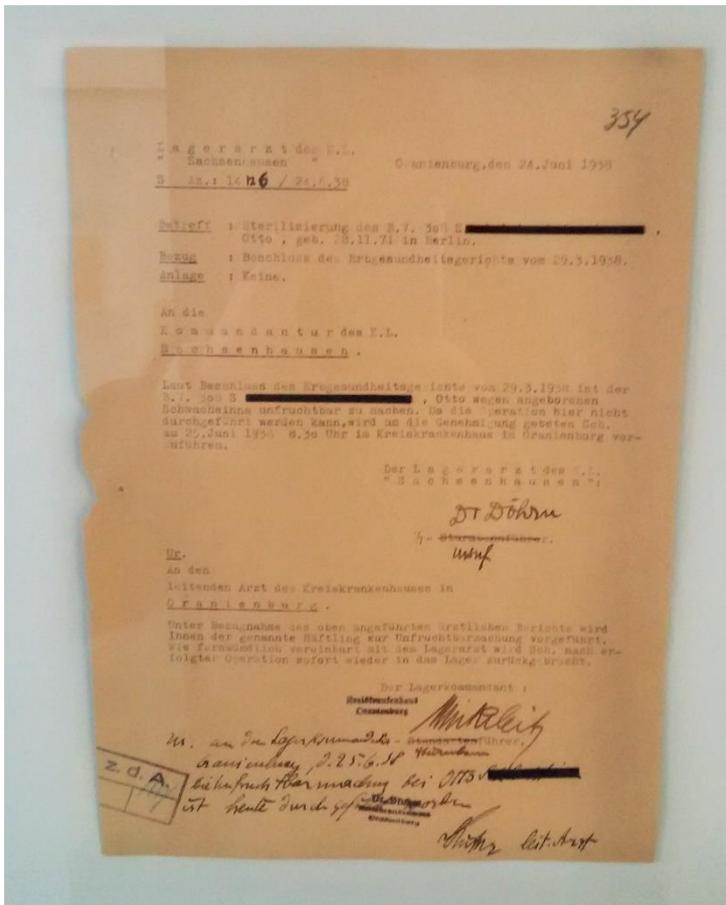
Porém, as famílias começaram a desconfiar e a protestar sobre o programa, e em Agosto de 1941 o programa foi suspenso, mas que durante sua primeira fase já tinha assassinado um número exorbitante de pacientes. Os procedimentos para a eliminação dos “indignos de viver” continuou de maneira mais descentralizada, por conta dos protestos. A tecnologia usada no T4 foi utilizada também na prática dos assassinatos no programa da “Solução Final”. Além da esterilização, os experimentos médicos da Alemanha nazista, variavam entre: congelamento dos indivíduos, castração, injeção de venenos, bactérias, pervitin, e etc; queimaduras, experimentos com altas altitudes, dentre muitos outros.

Figura 1 – Recipiente original de Pervitin (Anfetamina).



Fonte: foto tirada pela autora, no Campo de Sachsenhausen, 2014, próximo a Berlim.

Figura 2 – Exemplo de modelo original de documento de autorização dos procedimentos para esterilização.



Fonte: foto tirada pela autora, no Campo de Sachsenhausen, 2014, próximo a Berlim.

2 O poder do nazismo

Essa revolução não irá se deter a nada. Ela mudou o modelo político, e se propõe reformar os alemães de cima para baixo.

Goebbels

2.1 Contexto alemão no pós primeira guerra mundial

Já no final da Primeira Guerra Mundial, quando estava exercendo o seu papel de cabo, Hitler escreveu uma carta endereçada a um dos seus conhecidos em Munique, onde relatava com detalhamento a ofensiva a uma posição inimiga do qual participava, bem como, as ideias ideológicas já fixadas em mente, dos anos que viveu em Viena. Ideias baseadas em pensamentos de pangermanistas austríacos que se manifestavam de maneira conivente a renúncia de algumas regiões fronteiriças em detrimento de alcançar o tão sonhado Estado que reunisse todos os alemães, acreditando que o elemento racial e nacional do Reich tinha precedência sobre sua extensão territorial. Dessa forma, a Grande Pátria Alemã deveria ser mais germânica do que grande em território.

“[...] Torna-se necessário que sejam destroçados não só os inimigos da Alemanha no exterior, mas também o nosso internacionalismo interno. Isto seria mais valioso que todas as conquistas territoriais. Quanto à Áustria, tudo se passará como eu sempre previ” (FEST, 2005, pg.73).

Hitler também aprendeu com sua experiência na derrota da Primeira Guerra Mundial, a importância da ideologia na persuasão para levar o país aos fronts de batalha. Segundo Fest:

Toda tentativa de combater uma visão do mundo pela força, está destinada a um fracasso definitivo, caso a luta não assuma a forma de um ataque em favor de uma nova orientação espiritual. É só no confronto de duas visões do mundo que a força bruta, usada com obstinação e sem contemplos, poderá consumir a vitória da causa que sustenta” (FEST, 2005, pg.77).

O que mais tarde, essas ideias já preconcebidas levaria aos eventos catastróficos anos depois. Ele acreditava que o fato da Alemanha ter perdido a guerra foi devido a negligência e incompetência dos comandantes por utilizarem de uma propaganda falha, insuficiente, “totalmente incapaz de inebriar os homens para envia-los a morte” (FEST, 2005, pg.75).

Em 1918 quando saiu derrota da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha passava por um momento caótico em sua história, tendo de assumir os custos e consequências ditados no

Tratado de Versalhes. Esse por sua vez, assinado em 1919, impôs ao país a culpa pela guerra, fazendo-o perder parte do seu território e de suas reservas de ferro e carvão. Além de proibição de indústrias bélicas e artilharias pesadas, bem como, perda e todas as suas colônias. Além de ter privado os alemães de sua massa fechada⁹. Segundo Elias Canetti, a proibição do serviço obrigatório militar tolheu os alemães da sua massa mais essencial, a massa fechada. As práticas lhes foram impedidas, “o exercitar-se, a recepção e a transmissão de ordens, transformaram-se em algo que tinham de resgatar a qualquer custo.” E afirma, “A proibição do serviço militar obrigatório é o *nascimento* do nacional-socialismo” (CANETTI, 1995, pg.179).

Quando já no cenário político, ao discursar sobre o Tratado de Versalhes, Hitler costumava utilizar o termo “o ditame de Versalhes”, para o povo alemão, a palavra *Versalhes* significava antes de tudo, o impedimento da prática do serviço militar do exército, pois eles nunca reconheceram efetivamente a derrota da Primeira Guerra Mundial. “A proibição do exercício do serviço militar foi como a proibição de uma religião.” O termo “ditame” remete ao campo da *ordem*. “Uma única ordem de um estranho, a ordem do inimigo – por essa razão chamada “ditame” (CANETTI, 1995, pg.180). O slogan usado pelos nazistas para falar sobre o Tratado de Versalhes como ponto central, foi muito eficaz, pois recapitulava muitos outros momentos conhecidos e importantes da história da Alemanha. Como bem explica Canetti, quando diz:

Em Versalhes Bismarck fundara o Segundo Império alemão. Imediatamente após uma grande vitória, proclamara-se a unidade da Alemanha num momento de exaltação e de irresistível força. A vitória fora conquistada sobre Napoleão III, que se julgava sucessor do grande Napoleão e ascendera impulsionado pela legendária veneração por seu nome, de cujo espírito era herdeiro. Mas Versalhes foi também a resistência de Luís XIV, que o construiu. De todos os governantes franceses anteriores a Napoleão, Luís XIV havia sido o que mais profundamente humilhara os alemães. Graças a ele, Estrasburgo, com sua catedral, fora incorporada à França. Suas tropas tinham devastado o castelo de Heidelberg. Assim, a proclamação do imperador em Versalhes foi como uma vitória tardia e condensada sobre Luís XIV e Napoleão *juntos*, e uma vitória conquistada solitariamente, sem o auxílio de nenhum aliado. Esse é o efeito que ela deve ter produzido sobre o alemão naquela época; há testemunhos suficientes a comprová-lo. O nome daquele palácio estava, pois, vinculado ao maior triunfo da história alemã recente” (CANETTI, 1995, pg.181).

⁹ Massa Fechada, segundo Elias Canetti diz, “Em contraposição à massa aberta – que é capaz de crescer até o infinito, está em toda parte e, por isso mesmo, reclama um interesse universal - tem-se a massa *fechada*. Esta renuncia ao crescimento, visando sobretudo a durabilidade. O que nela salta aos olhos é, em primeiro lugar, sua *fronteira*. A massa fechada se fixa. Ela cria um lugar para si na medida em que se limita; o espaço que vai preencher foi-lhe destinado” (CANETTI, 1995, pg.15).

Dessa forma, sempre quando Hitler mencionava em seus discursos o “ditame”, a reminiscência do êxito alcançado na proclamação do imperador em Versalhes, alcança as massas sob a forma de uma promessa que estava por vir. Aquela palavra soava como ameaça revanchista aos ouvintes. Canetti, chega a afirmar com precisão de “que todos os slogans importantes dos nacional-socialistas, à exceção daqueles dirigidos contra os judeus, derivavam diretamente da expressão “ditame de Versalhes” (CANETTI, 1995, pg.181). O sentimento de revanche tomava conta dos discursos acalorados da época e foi nesse contexto, de vexame nacional intenso, movimentação contra-revolucionária e a questão antissemita cada vez mais mencionada nos discursos de hostilidade pública, que o Partido dos Trabalhadores Alemães, que nessa época ainda era um agrupamento político de estilo “cervejaria”, foi ganhado seu espaço no cenário público.

A república de Weimar (1919-1933) foi um regime democrático que substituiu o império após a Primeira Guerra Mundial, e que nunca satisfiz a população alemã. Todas essas condições humilhantes impostas pelo tratado pesaram para o descontentamento do povo ao partido vigente, o que resultou em apoio essencial para o crescimento de forças políticas autoritárias. Os nazistas se aproveitaram do contexto de caos em que a Alemanha vivia para propagar uma ideia de desestabilidade a democracia e unidade do povo germânico, bem como o revanchismo pelas imposições dos aliados no tratado. O que funcionou perfeitamente, pois a maioria dos alemães estavam em busca de um líder que pudesse dar um direcionamento funcional ao país e salva-lo da balbúrdia. A crise da Alemanha também acompanhava a dinâmica da crise geral desde a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, essa crise, tumultuou de maneira profunda a situação da Alemanha, pois através do Plano Dawes¹⁰, os EUA e a Inglaterra investiram grande quantia em empréstimos, no intuito de viabilizar o pagamento de dívidas alemães decorridas no fim da guerra.

A busca de um herói em tempos de transtornos sociais, as propagandas demagógicas de “soluções mágicas” para solucionar os problemas enfrentados pelo país, as ideias grotescas de raça superior e os discursos inflamados de revanche por ter arcado com toda a culpa da guerra, contribuíram de maneira eficaz para os alemães consentirem com o regime nazista. Além de propagandarem promessas de melhoria de salários para a classe trabalhadora, participação deles nos lucros das empresas e nacionalização delas, defesa dos comerciantes e artesãos, “perdão” de dívidas dos camponeses e melhores preços para os produtos agrícolas deles. A

¹⁰ O Plano Dawes foi um plano provisório, elaborado pelo americano Charles Dawes, de ajuda econômica para a Alemanha, após a Primeira Guerra Mundial. O plano tinha como finalidade auxiliar o país a se reerguer economicamente e, bem como, quitar suas dívidas e reparações as quais lhes foram impostas.

força do momento nazista com toda sua organização e propaganda, como bem coloca Hanna Arendt, “são mais fortes que a inexpressividade de seus oponentes” (LENAHRO, 1995, pg.26).

Joaquim Fest, em sua obra sobre Hitler, ressalva também que, o peso da humilhação se tornou insuportável após aqueles quatro anos de Primeira Guerra Mundial, o sentimento de perda, dos sacrifícios inúteis, do desgaste físico e emocional, e de todas as privações da vida experimentadas pela população, da fome, da sede, da angústia de temer a morte próxima, foram também considerações que afetaram profundamente a sociedade alemã em sua adesão ao partido nazista mais tarde (FEST, 2005). E a ideologia racista evidente da época, era de fato admitida e de certa forma, assumida pela sociedade e servia como minúcia norteadora da conduta individual e coletiva da população alemã. (LENHARO, 1995)

2.1.1 Hitler

Para o jornalista alemão Joaquim Fest, a grandeza histórica da figura de Hitler está ligada ao seu caráter excessivo. Ele conseguiu ser o guia de si mesmo, condutor de um partido, mentor se sua própria ideologia, estadista, *Führer* da Alemanha, figura messiânica diante do povo, demagogo, e, como diz Fest, “por um decênio, o epicentro da agitação do mundo. O fenômeno Hitler mostra-nos, em medida que ultrapassa toda experiência, que a grandeza também pode acompanhar a mediocridade individual” (FEST, 2005, pg.1, adaptado). Durante toda a sua vida, Adolf Hitler se dedicou a forjar e em fantasiar uma personalidade para si mesmo. “Não há outro exemplo na história de um homem que se tenha dedicado tão metódica e meticulosamente a estilizar a própria imagem e torná-la humanamente indecifrável (FEST, 2005, pg.11).

Nascido em Braunau em 20 de abril de 1889, Adolf Hitler foi o quarto filho do casamento entre o funcionário público, Alois Hitler e a dona de casa e parente de Alois, Klara Pözl. Adolf se mudou com a família para Linz, quando tinha 5 anos. Um ano depois Alois Hitler se aposentou, com 58 anos e pouco tempo depois, comprou uma casa em Leonding, uma pequena vila perto de Linz, onde passaram a morar. No entanto, Adolf foi mandado pelo pai para uma escola de ensino secundário profissional de Linz, e a partir de então os seus rendimentos escolares vieram a malograr. Repetiu de ano duas vezes, e na terceira, só conseguiu admissão porque foi submetido a uma avaliação de capacidade. Devido ao mau

desempenho na escola. Para Fest, o fator ponderável para essa questão foi justamente a mudança de ambiente, quando diz:

Enquanto em Leonding, vilarejo de campônios, o filho de um funcionário podia aspirar o papel de líder entre seus companheiros de folgedos, em Linz, ambiente citadino, em meio a crianças cujos pais exerciam profissões liberais, eram comerciantes ou pertenciam à nobreza local, Adolf fazia papel de camponês rústico e desprezado” (FEST, 2005, pg.17).

Foi nesse período que viveu em Linz que Adolf começou a desenvolver a consciência de hierarquia social. Sua relação com o pai era conflituosa pela diferença de temperamentos, Alois Hitler queria que o filho seguisse os seus passos profissionais e se torna-se funcionário público, carreira a qual que Adolf repugnava. Dois anos após a morte do pai, por capricho, Adolf abandonou a escola. Sua mãe em desespero, na tentativa de fazê-lo estudar, ainda o enviou à uma escola secundária em Steyr, porém, novamente ele não obteve bons resultados, e segundo o relato dele mesmo tempos depois, após ver as notas baixas no boletim, tomou uma bebedeira tão grande que usou o próprio boletim como papel higiênico. E devido a mais esse resultado decepcionante, Adolf deixou a escola de vez. Sendo esse um tema de grande amargura na sua vida. Resolveu apelar para vocação de artista afim de encobrir a própria frustração de insucesso (FEST, 2005).

Durante o tempo que passou após a morte de Alois Hitler, sua mãe voltou a se instalar em Linz. Adolf, então com 16 anos habituara-se a viver na ociosidade, sem responsabilidades, pois como sua mãe recebia uma pensão considerável, acostumou-se a levar uma vida despreocupada com o futuro. Frequentava o teatro, bibliotecas públicas e tinha apenas um amigo; August Kubizek, o qual o acompanhava a apresentações operísticas de Richard Wagner, que tornou-se seu compositor favorito. Segundo Fest, a música de Wagner era tão apreciada por ele porque como:

Apelo patético à emoção, sua tonalidade estranhamente encantatória, seu imenso fascínio, proporcionou-lhe certamente um meio de entrar em transe. Nada se mostrava mais de acordo com sua tendência em fugir à realidade do que essa música voltada para o sublime e banhada numa atmosfera de fausto burguês, só ela poderia arrastá-lo irresistivelmente às esferas do sonho” (FEST, 2005, pg.21).

Em 1907, quando já tinha se mudado para Viena, Adolf solicitou inscrição no concurso de desenho da Escola de Belas-Artes, sem ter muita noção das dificuldades das avaliações. Dessa forma, levou outro “golpe” inesperado, foi reprovado. Foi aconselhado pelo diretor da Escola estudar arquitetura, no entanto como ele próprio tinha abandonado a escola profissional

de Linz, não obtinha de um certificado necessário para cursar arquitetura. Fato esse, considerável penoso por ele, pois seu sonho de ser artista tinha sido impossibilitado. Após a morte de sua mãe, retornou a Linz e segundo Fest, Adolf:

Percebera não apenas que malograra irremediavelmente, mas também que dali em diante estava entregue a si mesmo, sem nenhuma possibilidade de escapar ao destino. A provação, em todo caso, veio acentuar nele uma tendência já muito clara de se isolar e ter pena de si mesmo. [...] E se pode afirmar que se alguma vez experimentara qualquer afeição pelo próximo, a morte da mãe pôs um ponto final nesse sentimento” (FEST, 2005, pg.27).

No ano seguinte, deixou Linz de vez e retornou para Viena. Dessa vez com os tramites do testamento de sua mãe resolvidos, bem como todas as formalidades legais satisfeitas. Para Fest: “Há razões para supor que tenha sido movido também pelo desejo de se refugiar num anonimato que o livrasse dos olhares inquisidores de seus parentes de Linz, que se punham em guarda quanto a ele” (FEST, 2005, pg.28). No entanto, segundo o próprio Hitler, os cinco anos posteriores tinham sido os mais tristes de sua vida, mas também, os mais importantes, sob algumas perspectivas. Pelo fato dessas questões ter marcado seu caráter de maneira duradoura. Em setembro do mesmo ano, Adolf tentou novamente ingressar no curso de pintura em Belas-Artes. Porém sua colocação baixa não permitiu que ele fosse autorizado a participar das provas seguintes porque seus trabalhos não satisfaziam às exigências requeridas. E é nesse contexto que:

Nasce o ódio que conservará às escolas e academias que, dizia ele, “tinham ignorado também o gênio de Bismarck e de Wagner, que haviam recusado admitir Anselm Feuerbach”, que não são frequentadas senão por “parvos” e se empenham em “sufocar todos os gênios” (FEST, 2005, pg.31).

Após esse último episódio, o sentimento de humilhação e constrangimento passou a incomodá-lo de tal forma que começou a fugir da companhia das pessoas próximas. “Seu insucesso de até então, no qual ele via uma prova da força de caráter, de gênio precoce e da incompreensão do mundo, exigia agora explicações mais concretas e inimigos mais definidos” (FEST, 2005, pg.31). Sua hostilidade perante o mundo burguês foi “ganhando corpo”, ainda que ele acreditasse pertencer a esse meio, tanto por suas preferências como por sua origem. E dessa forma:

A maneira como Hitler reagiu a essa rejeição por parte do mundo burguês é um dos aspectos mais notáveis da primeira fase de uma vida espantosa sob todos os pontos de vista. Apesar de ter seu amor-próprio ferido de um modo que muito o afetou, ele não traduziu tal ressentimento numa recusa da sociedade vigente; pelo contrário, desejou ardentemente ser aceito e apreciado por ela” (FEST, 2005, pg.32).

Já nessa época uma das leituras de Hitler era a da revista de teor racista e de exaltação ao povo ariano *Ostara*, editada por Lanz. Segundo Fest, Hitler visitou ocasionalmente Lanz para conseguir alguns exemplares da revista que faltavam na coleção que fazia. Hitler foi “um dos porta-vozes mais impressionantes da neurose de seu tempo e veio dar uma colaboração característica à atmosfera ideológica vienense na primeira década do século XX” (FEST, 2005 pg. 36). Ao relatar uma lembrança de quando começou a dar devida atenção a questão judaica, quando passeava pelas ruas de Viena, Hitler descreveu:

Depois que passei a me preocupar com essa questão e que minha atenção foi despertada para os judeus, vislumbrei Viena sob outros aspectos. Em todos os lugares aonde eu ia, via judeus e, quanto mais os contemplava, mais meus olhos aprendiam melhor a distingui-los claramente dos outros homens. O centro da cidade e os bairros localizados ao norte do canal do Danúbio formigavam especialmente de uma população cuja aparência não representava nenhum traço de semelhança com a dos alemães. [...] Todos esses detalhes já eram atraentes, e se experimentava até repugnância quando se descobria subitamente sob a sua casca desagradável a sujeira moral do povo eleito. Por que nunca deixava de haver uma sujeira, qualquer que fosse, uma infâmia, sobretudo na vida cultural, da qual um judeu pelo menos não tivesse participado? Tão logo se introduzia um bisturi num tumor desse tipo, poderíamos perceber, como um verme num cadáver putrefato, um pequeno semita ofuscado pela súbita claridade. [...] Passei pouco a pouco a odiá-los” (HITLER, apud FEST, pg.38).

Em novembro de 1909, entrou na fila com outros indigentes a um albergue para desabrigados, pois já havia, torrado sua parte da herança deixada pelo pai, ao que parece, foi gasta até fins desse ano. Nesse albergue, conheceu Reinhold Hanisch, o qual se tornou seu único amigo e sócio no comércio de cartões-postais pintados por Hitler. Pouco antes do Natal do ano seguinte, se mudaram para um hotel popular, a Mannerheim (casa para homens). Hanisch vendia as aquarelas pintadas por Hitler e depois eles dividiam os lucros. Entretanto, segundo Fest, ele não procurava fazer amigos por onde andava, e toda demonstração de intimidade só o deixava irritado e cansado. Em vez disso, ele se utilizava de uma espécie de camaradagem “que permite ao mesmo tempo o contato humano e o anonimato associados a uma lealdade que pode ser esquecida a qualquer momento” (FEST, 2005, pg.47).

Em meados de agosto de 1910, houve um desentendimento entre os sócios. Eles se desentenderam por conta da venda de uma tela, o qual Hitler pintou a vista do parlamento vienense e o considerava uma obra notável, e por isso estimava o valor do quadro em cinquenta coroas, porém Hanisch a vendeu por dez, levando os dois a discutirem. “Quando o amigo desapareceu após a discussão, Hitler mandou outro companheiro de alojamento detê-lo e abriu um processo.” Dessa forma, Hanisch foi condenado a uma semana de prisão, pois não

conseguiu convencer o juiz local pelo fato de ter mentido sobre seu nome no registro do albergue, alegando o falso nome de Fritz Walter. “Depois, a viúva do homem que adquirira o quadro declarou que seu marido pagara efetivamente cerca de dez coroas pelo mesmo, mas que Hanisch não pedira seu depoimento” (FEST, 2005, pg.53). Após o incidente, um judeu chamado Neumann que era hóspede da mesma pensão, se encarregou de vender as pinturas de Hitler, que nessa época já estava se entendendo com os seus clientes. (FEST, 2005)

Esse foi o cenário da vida dele pelos próximos três anos e meio. Os anos que passou em Viena foram considerados por ele, “a escola mais difícil e também a mais proveitosa de sua vida.” E em maio de 1913, ele deixa Viena em rumo a Munique. Como fugiu do cumprimento de suas obrigações militares, no dia 18 de janeiro de 1914 um policial bateu na sua porta, o deteve e o levou no dia seguinte ao consulado Austríaco. Ele tentou provar que não pôde atender em tempo à primeira convocação de alistamento, “mas que pouco mais tarde se apresentara espontaneamente as autoridades e que os documentos fornecidos na ocasião tinham sido perdidos pelas autoridades” (FEST, 2005, pg.63). Quatorze dias depois ele se apresentou e logo após voltou à Munique. No dia 2 de agosto na praça do Odeon, Hitler ouviu o anúncio da declaração que a Primeira Guerra Mundial havia sido desencadeada. E no dia posterior, ele solicitou através de uma carta ao imperador da Baviera, o pedido de ser admitido como voluntário em um regime bávaro, já que seu certificado militarista tinha recebido o status de Incapacitado. Dessa forma:

Obteve a resposta à sua solicitação feita diretamente ao imperador no dia seguinte ao envio da carta. Ele mesmo contou depois que abriu a carta com a mão tremula. A ordem era para que se apresentasse ao 16º Regimento Bávaro da infantaria da reserva. [...] O Regimento List. Para Hitler era “o tempo mais inesquecível e o mais sublime de sua existência terrena” que se iniciava até então” (FEST, 2005, pg.68).

Durante toda a guerra a sua ocupação foi de mensageiro “entre o estado-maior do regimento e os postos avançados. Era uma missão que o deixava entregue a si mesmo e convinha à sua tendência ao isolamento” (FEST, 2005, pg.70). Em dezembro desse ano recebeu a condecoração da Cruz-de-Ferro de 2º classe e em maio de 1918, “foi citado na ordem-do-meio-dia de seu regimento por atos de bravura diante do inimigo.” Chegou a receber também a Cruz-de-Ferro de 1º classe, sendo essa uma condecoração que raramente era concedida. No entanto, as motivações que levaram a essas premiações, segundo Fest:

Não foi possível descobrir então a razão exata de tais condecorações. O próprio Hitler nunca tocou nesse ponto, sem dúvida para evitar admitir que devia aquelas distinções à interferência do major ajudante do regimento, Hugo Gutmann, que era judeu. [...] O mais provável é que não tenha merecido aquelas condecorações por alguma façanha particular, mas como recompensa a um devotamento de vários anos. Quaisquer que tenham sido os motivos, as condecorações de guerra seriam muitíssimo valiosas para o futuro de Hitler. Asseguraram àquele austríaco uma espécie de direito de cidadania de primeira classe na Alemanha e criaram nos inícios para sua carreira, garantindo e legitimando pretensões ao direito de participar da política alemã e de dirigir um movimento que lhe era estreitamente associado” (FEST, 2005, pg.71).

Logo após a guerra, o sentimento de infortúnio e traição o acometeu e ele começou a se interessar pela política. Voltou para Munique e alojou-se no quartel novamente. “O exército era o único setor da vida social no seio do qual continuava a se sentir obrigado – abandoná-lo equivaleria a encontrar-se de novo no mundo dos naufragos de onde tinha saído” (FEST, 2005, pg.87). O clima da época era que “além da ideia de uma simples agitação política, a angústia representava a tendência essencial daquele tempo” (FEST, 2005, pg.95). O que, no entanto, a “angústia permanente” era um fator evidente no comportamento de Hitler. O contato com as pessoas lhe causava desconforto. Seus pensamentos sempre giravam em torno de frequente desconfiança. Ele tinha medo de contrair doença venérea ou qualquer outro tipo de contágio, criou até um hábito de se lavar constantemente por causa disso. (FEST, 2005)

Hitler entrou para o Partido dos Trabalhadores Alemães em 1919. Pouco depois de sua adesão, dedicou-se a transforma-lo em um partido de luta e de forte publicidade. E em 1º de abril do ano seguinte, abandonou o serviço militar, pois estava decidido a se envolver na política e tomar direção do NSDAP, e organizá-lo da maneira que lhe convinha. O partido foi ficando cada vez mais convicto, sabotava reuniões da esquerda, insultava seus oradores, e nesse clima, Hitler conseguiu até “que uma estátua fosse retirada de uma exposição, porque pretensamente ofendia o gosto do povo” (FEST, 2005, pg.141). O partido também contava com ajuda de protetores influentes e privilegiados que se interessavam pelos discursos de Hitler. Foi nesse clima de popularidade do NSDAP e também de atritos com os comunistas, em que, segundo Lenharo, ocorreram 461 confrontos entre eles, com resultado de 82 mortos e muitos feridos. E foi nesse cenário que em 29 de janeiro de 1933, Hitler foi nomeado chanceler e no dia seguinte, empossado. E após as eleições, o regime nazista dá início a sua política de “higienização” da Alemanha.

2.1.1.1 NSDAP

O Partido Nazista (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* - NSDAP), começou a se organizar de maneira informal, estilo “cervejaria”, em 1919.

Era apenas uma representação bem real de um tipo de associação, frequente em Munique, naquele tempo, com os modos de sociedade secreta e clube de apreciadores da boa cerveja, e que respondia à surda e amarga necessidade de reunir pessoas que professassem as mesmas opiniões” (FEST, 2005, pg.124).

Os seus fundadores, o mecânico Anton Drexler, esse por sua vez, chegou a frequentar a Thule, mencionado no capítulo 1, era uma sociedade de caráter ocultista com objetivos políticos racistas, em 1918, e o jornalista Karl Harrer, se reuniam para discursões políticas, muitas vezes acaloradas, devido a situação de crise nacional e de forte movimentação contra-revolucionária da época. Segundo Fest, Os “princípios” professados por Drexler na fundação do partido, “testemunham uma sinceridade balbuciante, cheia de ressentimentos contra ricos, os proletários e os judeus, os usurário e os instigadores do ódio entre os povos” (FEST, 2005, pg.124).

Até então o Partido era conhecido como Partido dos Trabalhadores Alemães (*Deutsch Arbeiterpartei* ou DAP). Em 12 de setembro de 1919, Hitler compareceu a uma reunião no partido. Foi nessa reunião que Drexler considerou a capacidade oratória de Hitler e o convidou para retornar. Por fim, Hitler decidiu entrar para o partido e ficou encarregado do recrutamento dos novos membros e da propaganda. O comitê de direção do partido contava com sete membros e reuniam-se uma vez por semana em um Café. No dia 16 de outubro de 1919, Hitler discursou pela primeira vez em uma reunião pública, que contava com 111 pessoas. Joaquim fest, em sua análise sobre a figura de Hilter caracteriza esse discurso proferido por ele como, “uma torrente ininterrupta de palavras cuja veemência ia crescendo, paulatinamente, deu livre curso, durante trinta minutos, às paixões e aos sentimentos de ódio que, desde os tempos da pensão, se tinham acumulado nas suas rumações solitárias” (FEST, 2005, pg.127).

O DAP, possuía 25 pontos e no mesmo dia da apresentação dos mesmos, na cervejaria *Hofbräuhaus* em Munique, em 24 de fevereiro, foi que o Partido dos Trabalhadores Alemães passou a ser o então NSDAP, *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*. Dentre os pontos defendidos pelo partido, Lenharo diz que “eram consagrados a fins nacionalistas e racistas” (LENAHRO,1995, pg.17). O programa continha, por exemplo, a defesa da unificação alemã, expulsar os judeus da Alemanha, nacionalização das indústrias, proibição dos veículos comunicativos contra o “interesse público” e para os considerados criminosos, posse dos lucros

de guerra, reforma agrária e a participação por parte dos trabalhadores nos lucros das empresas. No entanto, como bem observa Lenharo, os nazistas já no poder, “voltaram sua política para direita, contentando-se com pequenas inovações tomadas como práticas socialistas” (LENHARO, 1995, pg.18). Essas práticas socialistas não passaram de algumas viagens promovidas para o turismo de trabalhadores que eram escolhidos previamente ou então, podiam se servir de um prato único nos restaurantes, aos domingos.

O partido também englobava organizações variadas, que eram classificadas por faixa etária, sexo e grupos profissionais. Como bem aborda Lenharo:

A Hitlerjugend (Juventude Hitlerista), para jovens de quinze a dezoito anos, que chegou a contar com sete milhões de membros; a *Deutsches Jungvolk* (para meninos de até doze anos); o *Bund Deutsches Mädel* (para meninas); as *N. S. Frauenschaften* (para mulheres); o *Kulturbund* (para artistas e intelectuais), além de organizações para estudantes, para médicos, advogados e outras categorias profissionais (LENHARO, 1995, pg.23).

Figura 3 – Bandeira do Partido Nacional-Socialista.



Fonte: foto tirada pela autora. Museu de Schindler, 2014, Cracóvia.

No período entre 1924 a 1929, anos antes da crise capitalista estourar, o país passou por uma certa estabilização e de retomada da produção, e o partido nazista adquire estruturação política, o que facilitou sua expansão. As alas do partido subdividiam-se em variadas seções, como de economia, raça, cultura, agricultura, questões legais e de assistência aos trabalhadores. O número de militantes começou a aumentar incessantemente de 1925 a 1932, chegando a um número de mais de um milhão de militantes. No entanto, com a quebra da Bolsa de Nova York, a situação alemã foi novamente alterada, e a essa situação favoreceu a atuação dos Nacionais-socialistas, que estavam inclinados sua política cada vez mais para a direita.

Os principais grupos paramilitares do partido foram a SS e a SA. A SS foi criada em 1925¹¹, como uma guarda pessoal de elite, que logo depois foi chamada de *Schutzstaffel*, e tinha como finalidade “fazer” a segurança nos locais onde haveria os comícios e assembleias do partido, bem como reforçar a segurança de Hitler. Em uma das muitas orientações elaboradas para definir a primazia do grupo paramilitar “dizia também que a *Schutzstaffel* não é nem uma organização militar, nem um bando de seguidores de ocasião, mas um grupo de homens em quem o nosso movimento e nosso *Führer* podem confiar” (LONGERICH, 2013, pg.121). As características dos integrantes do grupo paramilitar deveriam se guiar em determinadas preferências, tais como: idade entre 23 e 35 anos, “fossem saudáveis e de “compleição física robusta” (LONGERICH, 2013, pg.121). Himmler, que desde de 1926 tinha experiência no grupo paramilitar na posição de *Reichsführer-SS* adjunto, sobe de patamar, sendo nomeado por Hitler, em 1929, a não mais adjunto, mais sim, o *Reichsführer-SS*. A medida em que o partido crescia, as atividades de Himmler como chefe da SS seguia em tempo integral. As atividades do grupo eram regulamentadas minuciosamente, dessa forma:

Deveria ser atribuída grande importância, por exemplo, aos “exercícios de ordem unida”, como “sentido, ordinário marche, volver” etc. A aparição pública não poderia “se diferenciar em nada de uma tropa na ativa”. Os integrantes da SS, advertia Himmler, deveriam se manter fora de qualquer briga interna do partido; nos congressos, jamais deveriam participar de qualquer debate.¹³² Também os uniformes da SS careciam de maior padronização; ficara claro durante a convenção geral do NSDAP, realizada no mês de agosto, de que ainda havia melhorias a fazer nesse sentido (LONGERICH, 2013, pg.123).

¹¹ “Formações semelhantes já haviam existido antes do putsch de 1923: em março deste mesmo ano, Hitler já havia criado uma *Stabswache*, que fora substituída em maio pela *Stosstrupp Adolf Hitler* (um pelotão de assalto), sob o comando de Joseph Berchtold; praticamente todos os membros da *Schutzstaffel*, haviam integrado a *Stosstrupp* (LONGERICH, adaptado, 2013, pg.121).

A SA, foi refundada por Hitler no final de 1926, e a SS, que nesse período estava sob o comando de Berchtold, passou a ser subordinada à direção da SA, essa por sua vez sob a liderança de Von Pfeffer. Em setembro de 1930, houve uma crise dentro da “família nazista” por conta de disparidades ente a SA e a direção do partido. A questão foi, sobretudo, a exigência, por parte do comandante da SA, na reivindicação de uma posição mais proeminente para os cargos de chefe da SA. Como a exigência não obteve o resultado esperado, Pfeffer, se demitiu naquele mesmo ano. Dessa forma, o conflito se agravou e resultou que “homens da SA invadiram a sede do NSDAP em Berlim, que era guardada por uma sentinela da SS. Isso gerou uma luta que só terminiu com a chegada da polícia, chamada pela SS” (LONGERICH, 2013, pg.128). Nesse contexto, Hitler resolveu intervir e “conseguiu obter um “juramento de lealdade” dos membros da SA” (LONGERICH, 2013, pg.128).

Dessa forma, a SS saiu dessa crise com destaque e força, pois provou ser absolutamente leal à direção do partido, ao contrário da cúpula que regia o comando da SA. Após essa crise, a SS conseguiu ser liberada da subordinação em relação à direção da SA. No entanto, segundo Longerich, essa liberação só ocorreu de fato em 1934. Ainda em 1930, durante uma conferência em Munique, Hitler nomeou Ernst Röhm como novo chefe da SA.¹²

Röhm, ditou alguns regulamentos enquanto ao que cabia a cada grupo paramilitar, como por exemplo:

Quando a SA e a SS atuarem em algum evento, a direção-geral será do chefe da SA ou da SS hierarquicamente superior e devidamente uniformizado, contanto que a corporação a ele subordinada se encontre em serviço e o número das corporações SA e SS presentes esteja na proporção de 1:10.” Nas “aparições da SA e da SS a serviço do partido”, a SA deveria ocupar-se da “defesa da assembleia”; já a “proteção do orador, da direção política e dos chefes convidados cabe à SS”. Nas paradas militares valia a seguinte regra: “A principal tarefa da SA é marcha de propaganda. A tarefa da SS é criar barreiras, realizar o serviço de segurança e cuidar da manutenção da ordem (patrulhamento das ruas). Durante a parada, a SS, com exceção do grupo encarregado das barreiras, marcha fechada no final da coluna da SA.” E finalmente: “As ordens da SS durante a execução de seu serviço devem ser obedecidas por todos os chefes SA e SS, chefes políticos e membros do partido” (LONGERICH 2013, pg.132-3).

¹² A decisão surpreendeu. Era fato que Röhm estava muito ligado à história da SA e se tornara uma espécie de “pai de criação” da organização, procurando coordenar atividades das diversas organizações paramilitares de defesa na Baviera quando ocupava o cargo de capitão do Exército imperial nos anos 1920 – 1923” (LONGERICH, 2012, pg.129-130). As diferenças entre Röhm e Hitler se acentuaram de maneira evidente no final de 1924, quando Hitler deixou a prisão de Landsberg. Pela experiência do Putsch em 1923, Hitler não concordava com a maneira com que Röhm queria dirigir a SA, a militarização na forma como Röhm havia feito e queria continuar fazendo, na visão de Hitler, não iria surtir um efeito favorável, politicamente falando, pelo contrário, traria sérias consequências ao partido. Devido a isso, Röhm deixou a SA, não mudou de opinião e foi viver na Bolívia. Quando retornou à Alemanha e foi nomeado ao cargo de chefe da SA, “o antigo antagonismo diametral com Hitler continuava presente.” Longerich, continua e diz: “difícil explicar o que levou Hitler a escolher Röhm (LONGERICH, 2013, pg.130).

A rivalidade entre esses dois grupos paramilitares de massa era latente, principalmente pelo fato da SS se afirmar como o grupo de maior disciplina e ter a confiança especial da mais alta cúpula do partido. Na concepção de Himmler, a SS deveria se tornar “uma tropa que reúne o melhor material humano ainda disponível na Alemanha, a comunidade de sangue deve manter a SS unida, tornando impossível um desmantelamento” (LONGERICH, 2013, pg. 134). Em um dos seus discursos para a SS, Himmler exaltou, “temos a missão mais grandiosa e maravilhosa de que se pode incumbir um povo. Estamos à beira da extinção em termos de valor sanguíneo e população” (LONGERICH, 2013, pg.134). Aos olhos de Himmler, a formação de uma tal elite se daria através da seleção das pessoas consideradas “racialmente melhores.” E, “Por fim, o partido deu a todo o aparelho um “idealismo”, um senso de “missão” e uma noção de construção da história” (BAUMAN, 1998, pag.33).

2.1.1.2 O efeito da propaganda

A propaganda foi tema de bastante atenção por parte dos nazistas. No livro escrito por Hitler, *Mein Kampf*, essa questão foi inúmeras vezes mencionada e ponderada. No que corresponde a visão de Hitler sobre a propaganda, ele defendia que ela deveria ser conhecida, voltada para as massas e desenvolvida de maneira que levasse em conta a compreensão de todos, desde os mais ignorantes e de baixa percepção. Hitler defendia que as massas possuíam pouquíssima percepção, inteligência limitada e memória ruim.

Dessa forma, a propaganda deveria se restringir a determinados pontos, repetidos de maneira frequente. A intenção técnica do departamento de marketing nazista buscava unir as massas, na finalidade de englobá-las em uma mesma categoria, pois se havia muitos inimigos a serem agredidos, seria necessário não dispersar o sentimento de ódio das massas, mostrando-as que pertenciam ao mesmo grupo, com os mesmos objetivos. “Tudo interessava no jogo da propaganda: mentiras, calúnias; para mentir, que seja grande a mentira, pois assim sendo, “nem passará na cabeça das pessoas ser possível arquitetar uma tão profunda falsificação da verdade” (LENHARO, 1995, pg.48).

Hannah Arendt diz que, em parte, a propaganda e o terror aparentam ser os dois lados e uma mesma situação. Isso porque, quando o regime totalitário detém o poder absoluto, a propaganda é substituída pela doutrinação da ideologia defendida, bem como, se faz uso da violência para dar existência e veracidade a essa ideologia deturpada. Salvo, o fato da violência ter sido usada para amedrontar o povo no período inicial a legitimação nazista, quando ainda

havia oposição. “A propaganda totalitária aperfeiçoou o cientificismo ideológico e a técnica de afirmações proféticas” (ARENDDT, 1989, pg.395).

Do ponto de vista do marketing demagógico nazista, a tática para evitar questionamentos diante os seus argumentos, foi precisamente a afirmação de que só no futuro é que se revelaria a importância e a verificação de suas alegações. A publicidade nazista se utilizou das alegações tidas como ciência, mas que não passavam de pensamentos equivocados e distorcidos e dos rituais místicos como base de confirmação para pregar o absurdo que era sua ideologia. “Assim, o totalitarismo parece ser apenas o último estágio de um processo durante o qual “a ciência [tornou-se] um ídolo que, num passe de mágica, cura os males da existência e transforma a natureza do homem” (ARENDDT, 1989, pg.394).

Na visão de Eugen Hadamovsky, a propaganda usada pelos nazistas foi a da força, pois é a maneira mais firme de obter influência de conquistar o apoio das massas, bem como demonstrar todo o poder e domínio que se dar por meio delas (RÜDIGER, 2014). Essa “propaganda de força” se caracteriza pela utilização do terror contra essas massas. Como bem diz Arendt, os atos criminosos dos nazistas eram dirigidos aos “pequenos funcionários socialistas ou membros influentes dos partidos inimigos, procurando mostrar à população o perigo que podia acarretar o simples fato de pertencer a um partido” (ARENDDT, 2011, pg.393).

Dessa forma, importante aspecto defendido por esses autores, é de que o real objetivo da propaganda totalitária não é o convencimento pela ideologia por si só, mas sim, pela organização e estratégia. Assim, o principal esforço da propaganda “se deve ao sentido de mobilizar e explorar o controle das forças massivas de acordo com um programa em que essas forças, em vez de anuladas, devem ser ordeiramente levadas ao máximo” (RÜDIGER, 2014, pg.53). Como também, que o apoio estético, psicológico e moral dado na organização das massas tinham origem no que ele chama de “metafísica da vontade de poder.” Ou seja, que a antes da propaganda ser de fato imposta pelo ditador, é antes de tudo a expressão da vontade das massas (RÜDIGER, 2014, pg.49).

O cinema nazista cresceu de maneira diretamente proporcional ao crescimento do partido. Segundo Lenharo, foram produzidos em média 1.350 produções de longa-metragem, os quais, 96 foram produzidos diretamente pelo Ministério da Propaganda, no período em que o Estado alemão foi governado pelos nazistas. A primeira remessa desses filmes, tinha intenção de exaltar o mérito da militância do partido, já no que tange a guerra, os longas produzidos buscavam exaltar o heroísmo dos nacionais-socialista, e essa, era a abordagem positiva da guerra. Na abordagem negativa, os nazistas se preocuparam em exacerbar a crueldade do inimigo. Nessa interpretação, os filmes mostravam uma projeção do inimigo que perseguia,

assassinava civis, torturava e concentrava em campos de trabalhos forçados e homicídio. Ora, os nazistas projetavam nesses filmes o que eles próprios estavam nutrindo na Alemanha.

Os longa-metragem fabricados, foram do mais diversos, desde comédias românticas e musicais a filmes de guerra e operetas. Sendo, todos eles produzidos de maneira que exaltasse os valores do regime. O racismo, a xenofobia e a glorificação da raça ariana, eram temáticas fundamentais nas abordagens cinematográficas do regime. Joseph Goebbels, ministro chefe de propaganda do partido, já dizia que, o cinema era, “um dos meios mais modernos e científicos de influenciar as massas” (LENHARO, 1995, pg.52). Em se tratando de glorificar o nacional-socialismo, as produções de Leni Riefenstahl obteve grande êxito. Em 1932, Riefenstahl, presenciou, pela primeira vez, um comício, o qual, Hitler discursava. E apesar de nunca ter se filiado ao partido, ela narrou o encontro com Hitler da seguinte forma:

Curiosamente, eu tive no mesmo instante uma visão quase apocalíptica que nunca pude esquecer. Para mim, foi como se a superfície da terra tivesse se alargado – como um hemisfério se abrindo repentinamente no centro, lançando um tremendo jorro de água, tão forte que tocou o céu e fez a terra (SCHAAKE, 2012, pg.169).

No dia 18 de maio do mesmo ano, ela escreveu uma carta endereçada a Hitler, onde dizia: “Caro senhor Hitler, há pouco tempo eu estive pela primeira vez em um evento político. O senhor discursou no Sportpalast. Devo admitir que o senhor e o entusiasmo do público me impressionaram. Eu gostaria muito de conhecê-lo” (SCHAAKE, 2012, pg.169). O resultado disso, foi a participação dela em produções de alguns filmes nazistas. O famoso documentário *Triumph des Willens*, 1936, foi considerado pela crítica, um dos melhores documentários já feitos, do ponto de vista artístico. Para os nazistas, foi um sucesso imensurável, “o filme, acompanhado de música de Wagner, mediante hábeis tomadas e efeitos óticos, gerava imagens de força sugestiva que fascinavam milhares de espectadores” (SCHAAKE, 2012, pg.174). Outro sucesso de Riefenstahl, foi o documentário *Olympia*, 1936, o qual exaltava a força física, a pureza racial e a saúde dos alemães.

Já em relação a imagem do judeu apresentado no cinema nazista, mostrava o povo judeu como seres desumanos, e que não toleravam conviver com os não-judeus. A busca por uma racionalização para o ódio contra eles, além do que as explicações públicas ofereciam não eram suficientes, e por isso, essa busca se tornava um fator incessante. Dessa forma, recorriam aos argumentos de cunho emocional que justificasse. Era exigido, por Himmler, que os militantes das SS e demais policiais, assistissem muitos desses filmes. No intuito de manter o ódio contra os inimigos sempre latente. Segundo Lenharo, o filme *O eterno judeu*, de Hippler, “é tido como

um dos mais maldosos filmes já rodados. Foi apresentado como um “documentário educacional sobre os problemas do judaísmo internacional” (LENHARO, 1995, pg.58). Esse filme se propõe a exteriorizar o discurso de que “o judeu se interessa por tudo o que é doentio; corrompe a arte e a justiça; são suspeitos de qualquer coisa” (LENHARO, 1995, pg.59).

Figura 4 – Saudação Nazista



Fonte: foto da fotografia, tirada pela autora. Museu de Schindler, 2014. Cracóvia.

3 Coisificação do homem

E, é verdade que, nos estágios finais do totalitarismo, surge um mal absoluto (absoluto, porque já não pode ser atribuído a motivos humanamente compreensíveis), também é verdade que, sem ele, poderíamos nunca ter conhecido a natureza realmente radical do Mal.

Hannah Arendt

3.1 Totalitarismo alemão

O totalitarismo pode ser compreendido como o regime o qual, é possível abarcar e penetrar a sociedade em todos os seus aspectos, desde os mais simples aos mais complexos. É o governo do todo, tudo está sob sua dominação e constante vigilância. Não importa a ideologia em si, o regime pode se desenvolver tanto sob governo de direita, quanto de esquerda, e conta com o apoio das massas. No presente trabalho, procuro dar ênfase ao totalitarismo fascista, de extrema direita que dominou a Alemanha de 1933 a 1945.

Segundo Hanna Arendt, a Alemanha se tornou abertamente totalitária e abertamente criminosa após a eclosão da guerra, em 1939. No entanto, o totalitarismo fascista alemão foi ganhando forma desde de 1933, quando Hitler assumiu o poder. Porque, para alguns autores, os elementos constitutivos que caracterizam o regime totalitário são evidenciados logo nos primórdios da condução do Estado nazista. Segundo aborda Bobbio, no *Dicionário de Política*, esses elementos característicos são: a ideologia, o partido único, o ditador e o terror. A ideologia nazista era baseada em conceitos pseudocientíficos, misticismo, obsessão pela questão racial e antissemitismo.

Dessa forma, essa ideologia tentava explicar suas verdades através de uma via completamente imprecisa e equivocada, bem como procurava explicar o curso da história através de misticismo pagão, de maneira a evitar contestações. Criticava fervorosamente a situação atual da época, com seu antissemitismo ferrenho e exaltava possuir a solução para a mudança através de suas orientações. O partido único, que politiza todos os ramos da sociedade, que está acima do Estado. O líder totalitário, onde a vontade de Hitler era a lei para o partido, detentor do poder absoluto de todas as funções no direcionamento do Estado, bem como só a ele cabia o poder de escolher quem são os inimigos. E o terror, que é utilizado de forma a confirmar a ideologia defendida e é internalizado em todas as áreas da vida do indivíduo.

Já os elementos facilitadores para as condições propícias para o totalitarismo abordados no *Dicionário de Política*, são evidenciadas na construção da sociedade industrial de massa, no

cenário internacional dividido e no desenvolvimento de tecnologias. No primeiro caso, o impacto causado pela industrialização e modernização que contribuiu de forma crucial para uma postura cada vez mais individualista dos indivíduos. O cenário internacional como ambiente de insegurança e ameaça que contribui para gerar uma mobilização social, e o desenvolvimento tecnológico que permite uma maior penetração e mobilização nos ramos sociais, e se utiliza de meios específicos de tecnologia para violência. E por fim, Bobbio fala sobre a utilidade e a validade do conceito de Totalitarismo: “Designa um certo modo de fazer política, que penetra e mobiliza uma sociedade inteira ao mesmo tempo que lhe destrói a autonomia” (BOBBIO, 1998, pg.1258-59).

Na visão de Hannah Arendt, o totalitarismo é entendido de modo que, esse regime é uma nova forma de governo e por sua vez, tem uma finalidade. Nova forma de governar porque o grau de capacidade de penetração e de mobilização da sociedade é exorbitante. E a finalidade, é justamente a de transformar a natureza do humana, “reduzindo os homens a autômatos absolutamente obedientes e em torno deste fim ordena todos os outros aspectos do fenômeno” (BOBBIO,1998, pg.1249). Utiliza-se o terror como meio de confirmar a ideologia pregada, e essa ideologia por sua vez, é cultivada fanaticamente pelo núcleo do partido único que através da polícia secreta mantém todas as esferas sociais sob constante vigilância. E a vontade do líder é o ponto máximo, a é a lei que predomina o regime. Só ao *Führer* cabe a escolha de quem será o oponente. E diz:

O Totalitarismo é uma forma de domínio radicalmente nova porque não se limita a destruir as capacidades políticas do homem, isolando-o em relação à vida pública, como faziam as velhas tiranias e os velhos despotismos, mas tende a destruir os próprios grupos e instituições que formam o tecido das relações privadas do homem, tornando-o estranho assim ao mundo e privando-se até de seu próprio eu (ARENDRT apud BOBBIO, 1998, pg.1248).

Dessa forma, o regime totalitário atua na transformação da natureza do homem, que passa a agir não mais de forma autônoma e espontânea, mas de maneira automática e obediente ao sistema. Quando analisava os campos de concentração nazista, Arendt chamava a atenção para esse fenômeno, explicando o processo de coisificação da personalidade humana, vivenciado pelos internos.

A respeito da sua organização, o regime totalitário alemão é assumido pelo Partido Nazista, o único partido que possuía legitimidade, cujos membros superiores são devotos a ideologia, e a propagam por todas as esferas funcionais do Estado, bem como instituições sociais, até a politização de demais atividades, desde esportivas e livres. Exemplo disso são as

ramificações criadas pelo partido, para envolver toda a população tanto a participar dos princípios do partido, como também doutrina-los aos moldes do Nacional-socialismo. De acordo com o gênero, a idade e a ocupação. Em relação ao sindicato dos trabalhadores, foram extintos pela *Deutsche Arbeiterfront* (Frente Alemã do Trabalho), que se tornou a única via possível de sindicato. E os assuntos da Igreja ficaram à cargo do ministro Hanns Kerl, para constante vigilância em cultos proferidos, e as demais religiões foram consideradas ilegais e devidamente banidas (SZKLARZ, 2014).

A utilização da polícia secreta no sistema de constante vigilância social, tinha como foco: o dever não só de descobrir crimes, “mas estar disponível quando o governo decide aprisionar ou liquidar certa categoria da população” (ARENDR, 1989, pg.476). Bem como, possuía o seu poder de ação completamente limitado a vontade do chefe, o único a quem tem a legitimidade de decidir sobre todas as questões estatais. A vontade do líder é a lei do partido, é ele quem define quem será o inimigo, real ou objetivo. Hitler era visto como uma espécie de messias, alguém que iria salvar a Alemanha do caos e direciona-la para a prosperidade. Dessa forma, a personalização do poder é característica essencial do regime totalitário, apesar de Hannah Arendt não explicitar sua consideração desse aspecto como um terceiro fator da percepção do totalitarismo.

Arendt, afirma que os movimentos totalitários são cabíveis de ocorrer onde quer que existam massas. O processo de massificação europeu se deu através do “colapso do sistema de classes como estratificação social e política dos Estados-nações.” Ou seja, o colapso do sistema de classes aconteceu simultaneamente ao colapso do sistema partidário, pois como tinham a função de representar os interesses dos indivíduos, não podiam mais atuar nessa representação, já que a sua formação provinha justamente das classes. Hanna Arendt fala que a consequência desse fato foi formação da psicologia do homem de massa na Europa. E diz:

Essa massa de homens insatisfeitos e desesperados aumentou rapidamente na Alemanha e na Áustria após a Primeira Guerra Mundial, quando a inflação e o desemprego agravaram as consequências desastrosas da derrota militar, despontou em todos os Estados sucessórios e apoiou os movimentos extremistas da França e da Itália desde a Segunda Guerra Mundial. Foi nessa atmosfera de colapso da sociedade de classes que se desenvolveu a psicologia do homem-de-massa da Europa” (ARENDR, 1989, pg.364-5).

A ideologia é outro aspecto fundamental no regime totalitário nazista, pois cria uma realidade inventada, enganosa, na tentativa de explicar sua verdade através de um curso mitológico de superioridade racial. E dessa forma, são dirigidas as ações do Estado, legitimadas pela lei e ratificada pela propagação do terror. O terror é exercido de forma a legitimar a

ideologia defendida, de forma que ela não poderia ser contestada. Arendt chama a atenção para essa função do terror, quando diz que esse instrumento:

Serve para traduzir, na realidade, o mundo fictício da ideologia e confirma-la, tanto em seu conteúdo, quanto, e sobretudo, em sua lógica deformada. Isso atinge, na verdade, não apenas os inimigos reais (o que acontece na fase da instauração do regime), mas também e especialmente os inimigos “objetivos”, cuja identidade é definida pela orientação político-ideológica do Governo mais do que pelo desejo desses inimigos em derrubá-lo. É na fase mais extrema atinge também vítimas escolhidas inteiramente ao acaso (BOBBIO, 1998, pg.1248).

A propagação da ideologia totalitária é pela via da propaganda, a qual possui característica de conquistar as massas. No entanto, como o regime possui o controle absoluto, a propaganda nazista é substituída para doutrinação, e o terror serve como instrumento de confirmação para suas doutrinas ideológicas. Arendt, diz que desse modo a propaganda é com precisão, parte que integra a “guerra psicológica, “mas o terror é mais. Mesmo depois de atingido seu objetivo psicológico, o regime totalitário continua a empregar o terror” (ARENDR, 1989, pg.393) , e continua ela, “o verdadeiro drama é que é aplicado contra uma população já completamente subjugada. Em outras palavras, a propaganda é um instrumento do totalitarismo, possivelmente mais importante, para enfrentar o mundo não-totalitário” (ARENDR, 1989, pg.393). Sendo o terror, a própria essência do regime.

O regime totalitário se diferencia das tiranias do passado, e também é considerado uma nova forma de governo, pelo seu alto grau de penetração social. Em todas as camadas e aspectos sociais, assim como em todas as áreas da vida privada dos indivíduos o regime conseguiu penetrar. Diferentemente de qualquer outra tirania do curso histórico, o totalitarismo foi capaz de interferir de maneira total na identidade e espontaneidade humana. E por esse aspecto é considerado um regime único. No que tange esse aspecto, Barrington Moore, diz que:

A penetração-mobilização totalitária da sociedade não seria atuável sem os instrumentos colocados à disposição pela tecnologia moderna.” A ideologia fascista, evidenciada no mais radical regime, o nazista, possui características próprias; “é organicista, irracionalista e anti-universalista: seu ponto de partida é a raça, concebida como uma entidade absolutamente superior ao homem individual. Ela toma por isso a forma de um credo racista que trata com desprezo, como uma fábula, a ideia ética da unidade do gênero humano (BOBBIO, 1998, pg.1252).

Os aspectos favoráveis a instalação do fascismo em uma sociedade podem ser compreendidos sob a ótica de que normalmente se estabelece em uma sociedade que a industrialização e a modernização já atingem estágios avançados. E tem por objetivo a

mobilização e a obediência de uma sociedade individualizada. Dessa forma, como bem aborda Moore:

A base de sustentação de massa do regime e a fonte privilegiada do recrutamento da elite são constituídas pela classe pequeno-burguesa: empregados, camponeses, pequenos comerciantes, militares e intelectuais frustrados, que se sentem esmagados entre a grande burguesia e as organizações do proletariado. A esta sustentação do fascismo se juntam bem depressa a finança e o apoio dos grandes financeiros e dos grandes industriais. Especificamente, no que tange a ideologia nazista, “embora não exija uma transformação total da estrutura econômica-social da comunidade, impõe entretanto uma transformação radical da ordem político-social: ela pretendia revolucionar a carta da Alemanha e da Europa, eliminando os hebreus e instaurando o domínio absoluto da raça superior sobre as inferiores (BOBBIO, 1998, pg.1253).

A ideologia nazista tinha como pretensão uma transformação radical na ordem política e social, apesar de não ter dirigido o seu foco de transformação para as relações de cunho precisamente econômico. O totalitarismo nazista pretendia modificar a sociedade alemã de maneira absoluta, penetrando em todos os seus aspectos mais sutis. Tanto é, que Himmler, chefe da SS, almejava a criação de uma religião baseada no misticismo pagão, afim de que essa crença fosse o culto primordial de todos os alemães.

3.1.1 Resistência alemã

Houveram grupos de resistência ao regime nazista na Alemanha, e um deles foi o grupo a *Rosa Branca*, formado por um professor e cinco alunos da Universidade de Munique. Juntos, formavam esse núcleo e atuavam na fabricação e distribuição de panfletos escritos de maneira consciente, denunciando as atrocidades e mentiras do nazismo. A resposta do regime não demorou a chegar, e em 1943 os integrantes do grupo foram condenados à morte por alta traição. Esse núcleo agiu diferentemente do grupo de resistência tardia de alguns membros do Partido Nazista, que se opuseram a Hitler, e até mesmo chegaram a tentar contra a vida do ditador. E que possuíam motivações bem diferentes que a *Rosa Branca*. Como bem observa Hannah Arendt, “a coragem de muitos deles foi admirável, mas não foi inspirada por indignação moral ou por aquilo que sabiam que outras pessoas tinham sofrido; eles foram motivados quase exclusivamente por sua certeza da iminente derrota e ruína da Alemanha” (ARENDR, 1999, pg.116).

Depois de ficar sabendo do fracasso que havia sido o atentado contra a vida de Hitler, o alemão Friedrich P. Reck-Malleczewen, que morreu em um campo de concentração, escreveu no sobre o episódio em seu diário:

Um pouco tarde demais, senhores, vocês que construíram esse arquidestruidor da Alemanha e correram atrás dele, enquanto tudo parecia bem; vocês que [...] sem comoção fizeram todos os juramentos exigidos de vocês e se reduziram a desprezíveis lacaios desse criminoso, culpado pelo assassinato de centenas de milhares, que despertou o lamento e a maldição do mundo inteiro; agora vocês o traíram [...] Agora, quando o desastre não pode mais ser escondido, eles traem a casa que ruiu, a fim de estabelecer um âlibi político para si próprios – os mesmos homens que traíram tudo o que estava no caminho de seu desejo de poder (ARENDDT, 1999, pg.118).

O círculo da *Rosa Branca* se diferenciava justamente pelo caráter consciente das suas intenções. Essas pessoas se preocupavam com o rumo com que o país estava tomando. Queriam mostrar a verdadeira índole do nacional-socialismo através da divulgação de panfletos escritos de forma lúcida e sensível, com o objetivo de atizar a consciência crítica das pessoas e, também mostrar para aqueles que achavam um absurdo o que os nazistas faziam de que não estavam sozinhos. Os objetivos do grupo eram simples: queriam poder viver em um mundo onde as pessoas pudessem se desenvolver livremente. Onde tivessem seus direitos defendidos, assim como sua liberdade. A grandeza das atividades dessas pessoas consistia justamente no fato de terem arriscado suas vidas para lutar por algo tão íntegro e simples. Através da divulgação dos panfletos, puderam “desabafar” tudo aquilo que estava incomodando sua consciência.

E em um dos panfletos propagados pelo grupo, a indignação com a ideologia do regime era evidente na seguinte passagem:

Não é possível enfrentar racionalmente o nacional-socialismo porque ele é irracional. É um equívoco falar de uma visão de mundo nacional-socialista, pois, se esta existisse, seria necessário sustentá-la ou combatê-la com meios racionais. A realidade, porém, nos oferece um quadro completamente diferente. Desde seu primeiro germe, a base desse movimento era ludibriar as pessoas; desde o início, estava apodrecido por dentro e só conseguiu se manter através da mentira contínua. Até o próprio Hitler escreveu em uma antiga edição de “seu” livro (um livro escrito no pior alemão que já li, e que, todavia, foi alçado à condição de bíblia para o “povo dos poetas e pensadores”): “É inacreditável como é necessário enganar um povo para governá-lo”. Se esse tumor cancerígeno do povo alemão não se manifestou tão claramente em seu início foi porque ainda vigoravam forças do Bem suficientes para contê-lo. Porém, após crescer e crescer e, por meio de uma corrupção generalizada, chegar enfim ao poder, o tumor rebentou e contaminou o corpo inteiro: a maioria dos antigos opositores se escondeu, a intelectualidade alemã se refugiou em uma cova, para aos poucos morrer sufocada como planta privada da luz e do sol. Agora estamos próximos do fim” (SCHOLL, 2014, pg.95).

O grupo da *Rosa Branca* de Munique tinha como objetivo germinar uma crescente conscientização da população a respeito do verdadeiro propósito do nacional-socialismo, e bem como da situação real que o regime havia levado a Alemanha e a Europa. Essas pessoas queriam propagar a ideia de uma resistência passiva, no intuito de transmitir a todas aquelas pessoas contrárias ao regime de que elas não estavam sozinhas, e também convencer os que estavam indecisos, e bem como, colocar no plano da dúvida a ideologia nazista para aqueles que eram adeptos. Diante disso, Scholl diz:

Aqueles estudantes viam na resistência passiva a arte das possibilidades. A resistência deveria motivar as pequenas ações que estivessem ao alcance de qualquer um, por menores que fossem. Significava, em outras palavras, concentrar-se no que era viável sem perder de vista o objetivo, libertar-se do medo pavoroso e da indiferença aniquiladora. Ponderação, versatilidade e criatividade na vida cotidiana deveriam ser contrapostas a resignação” (SCHOLL, 2014, pg.116-7).

Esses estudantes tinham percepção astuta para questões políticas, a qual porém não era delineado em termos ideológicos, mas sim sociológicos: o interesse principal dessas pessoas era com a sociedade. A inquietação principal era com a intelectualidade alemã, da qual eles eram muito conscientes. Hans Scholl, estudante, e um dos fundadores na formação do grupo, acreditava que: “a intelectualidade tinha uma responsabilidade maior devido a seus conhecimentos. [...] Ela deveria reforçar o seu papel por meio do engajamento político e conquistar maior relevância na sociedade através de ações concretas” (SCHOLL, 2014, pg.119). Como o grupo não possuía meios de combater o regime através da força, procuraram um caminho diferente: o da conscientização e de uma resistência passiva.

Mas a resposta do regime não demorou a chegar, os integrantes do grupo de Munique foram sentenciados a julgamento pelo Tribunal do Povo em 1943, este por sua vez, foi criado no intuito de eliminar os opositores do regime, e sua designação como “povo”, palavra muito utilizada pelos nazistas, na verdade não era para designar a vontade popular, mas sim, só aqueles que se alinhavam ao regime. Scholl relata que, no julgamento do professor Kurt Huber pelo “Tribunal do Povo”, algumas das palavras profetizadas por ele pelo menos em teor, das suas anotações quando recebeu a sentença de morte foram:

Como cidadão alemão, como professor universitário alemão e como pessoa política, julgo ser não só de direito, mas um dever moral contribuir ativamente para a realização política do destino alemão e também revelar e combater erros evidentes. [...] Meu objetivo era despertar os círculos estudantis, não através de uma organização, mas através da simples palavra; não para incitá-los a atos de violência, mas para fazê-los reconhecer, do ponto de vista moral, os graves erros existentes na vida política. O retorno a princípios morais claros, ao estado de direito, à confiança mútua entre as pessoas – *nada disso é ilegal*, muito pelo contrário, é o *restabelecimento da legalidade*. [...] A exigência fundamental de uma verdadeira Comunidade do Povo tem sido minada pela destruição sistemática da confiança entre as pessoas. Não há juízo mais terrível a respeito da comunidade de um povo do que a confissão – que todos nós temos que fazer – que ninguém mais se sente a salvo do seu próximo; nem mesmo um pai se sente a salvo de seus filhos. Era isso o que eu queria, o que eu precisava (SCHOLL, 2014, pg.80).

Naquele período a onda de prisões em Munique e outras cidades alemãs estava em alta. Os familiares dos integrantes dos grupos de resistência também eram condenados a “pagar pelo traidor”, muitas vezes a própria família nem sequer sabia das atividades em que seu ente estava envolvido, mas mesmo assim a justiça da época ordenava cortar pela raiz qualquer fagulha para uma iniciativa de protesto. Havia outras ramificações do grupo a *Rosa Branca*, como o grupo “O Ramo de Hamburgo da Rosa Branca”, que como o grupo de Munique, era composto por estudantes universitários e intelectuais que se formou por influência do primeiro panfleto da Rosa Branca, e que assim como as demais ramificações, havia o contato entre os membros dos grupos das diferentes cidades. Mas que assim como os outros, os integrantes do núcleo de Hamburgo, bem como demais participantes foram assassinados. Em uma passagem do terceiro panfleto da *Rosa Branca*, o grupo alerta:

Nosso “Estado” atual é, entretanto, a ditadura do Mal. “Mas isso não é novidade”, você poderia objetivar, “não adianta nada jogar isso de novo na nossa cara”. Se vocês sabem, eu pergunto, então por que não reagem, por que permitem que os poderosos roubem um por um seus direitos, escancarada ou dissimuladamente, até chegar o dia em que não restará mais nada, absolutamente nada além de uma engrenagem estatal mecanizada, comandada por criminosos e beberrões? O seu espírito já está tão subjugado pela violação que se esquecem que não é apenas seu direito, mas seu *dever moral* eliminar o sistema? Porém, se uma pessoa não encontra mais forças para reivindicar seus direitos, então necessariamente está fadada a sucumbir (SCHOLL, 2014, pg.99 – 100).

A *Rosa Branca* se preocupava em alertar a população, de maneira consciente e passiva para o seu dever moral em combater o sistema nazista, e não apenas por terem o direito de resistir, por serem cidadãos da pátria. O fato da opinião pública saber das ações do regime e se manter submissa, escandalizava o grupo, de maneira que procuravam questionar a população sobre isso nos escritos de seus panfletos. Advertindo também que os líderes nazistas não

passavam de mentirosos perversos e assassinos. Aqueles que se permitiam envolver pela ideologia, seja por medo ou por simpatia, estavam condenados a abdicar da própria vida. E para os integrantes do grupo:

[...] O sentido e a finalidade da resistência passiva é derrubar o nacional-socialismo. E nessa luta não se deve recuar diante de nenhum caminho, diante de nenhum ato, seja qual for a sua natureza. O nacional-socialismo deve ser atacado em *todos* os seus pontos vulneráveis. É preciso preparar logo um fim para este não-Estado – uma vitória da Alemanha fascista nesta guerra teria consequências imprevisíveis e terríveis” (SCHOL, 2014, pg.100).

A pretensão da resistência passiva era justamente atizar a consciência crítica da sociedade, no intuito dela mesma “destronar” o regime nazista através do seu próprio bom senso. Questionando todos os aspectos suscetíveis da ideologia de forma corajosa e lúcida. E não se deixando intimidar pela resposta do sistema, já que esse sistema é ilegítimo em um mundo humano. E conseqüentemente advertindo que uma vitória alemã na guerra levaria a resultados ainda mais desastrosos.

Apesar dos milhares de adeptos, muitos outros alemães também se opuseram ao regime nazista; os Sociais Democratas, os Comunistas, os Trabalhadores Industriais, e também membros da igreja cristã. Esses por sua vez se indignaram e protestaram contra as perseguições e a política de esterilização e eutanásia aplicada no T4. Frank McDonough explica que no que tange ao partido dos Sociais Democratas, o SPD (*Partido Social Democrata*), foi banido em 1933, assim como todos os outros partidos de oposição. Os Sociais Democratas agiam também similar as atividades do grupo a *Rosa Branca*, através de escritos em jornais criados por eles. No caso do grupo SPD, procederam da seguinte forma:

Com todas as vias de oposição legal fechadas, a liderança do SPD fugiu para o exílio. [...] O SPD rapidamente estabeleceu uma organização clandestina muito sofisticada para se opor ao regime nazista, composto pela liderança exilada, o jornal e os ativistas do partido. Um grupo de resistência da SPD muito importante era conhecido como *Tropa de Choque Vermelha*, que foi à margem socialista do partido. Até o final de 1933, o grupo tinha 3.000 membros, que consistia principalmente de estudantes universitários com base na área de Berlim. O grupo criou um jornal, que aparecia a cada 10 dias. Os editoriais do jornal constantemente sugeriam que o regime nazi seria derrubado pela ação revolucionária dos trabalhadores alemães. Em dezembro de 1933, no entanto, os líderes da *Tropa de Choque Vermelha* foram presos pela Gestapo e aprisionados em um campo de concentração. [...] No entanto, o comitê regional do SPD de Berlim participou de uma série de outras atividades de resistência contra o regime nazi entre 1934 e 1937. Utilizando os fundos fornecidos pela liderança dos exilados do SPD” (MCDONOUGH,2001, pg.3).

Através de organização ordenada, o partido do SPD utilizou meios para uma resistência passiva contra o regime nazista. Quando Hitler chegou ao poder em 1933, e os partidos, grupos e qualquer outro tipo de oposição foi banido e considerado ilegal, a *Tropa de Choque Vermelha*, que era agremiação socialista dentro do partido, fez uso de escritos do jornal, para lutar pelos seus direitos. Defendiam também que o sistema nazista seria deposto justamente pela ação dos trabalhadores, essa e outras atividades da resistência, eram financiadas por aqueles ativistas que já haviam sido exilados. Esse tipo de resistência era de fato louvável, por ser feito de maneira racional e reflexiva, contestando assim, as imposições do regime nazista e lutando pelos seus direitos. Apesar de estarem arriscando suas vidas, esses grupos preferiram ser fiel as suas consciências. E segundo McDonough:

À esquerda do SPD, um pequeno grupo marginal conhecida como *Neu Beginnen* também se envolveram em um atividades de resistência. [...] Os membros do *Neu Beginnen* se reuniu secretamente em casas particulares e apartamentos para discutir o que a direção futura da política alemã deveria ser. Os líderes deste grupo acreditava que a desunião da esquerda foi uma das principais razões pelas quais Hitler chegou ao poder. Como resultado, o grupo sentiu uma coalizão de esquerda, composto por Social democratas e comunistas, foi o melhor meio de combater o nazismo. No entanto, a liderança do SPD descartou a ideia, porque eles sentiram que o desejo de dos comunistas era a ditadura do proletariado, e dessa forma, era incompatível com o desejo Social democrata, que era um governo democrático baseado em eleições livres (MCDONOUGH, 2001, pg.4).

Nos mesmos moldes da Rosa Branca, o grupo *Neu Beginnem* também se reunia nas casas e apartamento de pessoas de sua confiança para abordar as questões políticas que tanto incomodavam. Como a ideologia defendida por esse grupo era voltada para política de esquerda, a resistência por parte deles aconteceu logo e de maneira natural. No entanto, acreditavam que pelo fato de haver desavenças entre os demais grupos de esquerda, a extrema direita de Hilter tinha conseguido chegar ao poder de maneira afável. Por esse fato, o grupo tentou se unir a associação comunista clandestina com o fim de consolidar uma resistência mais precisa ao nazismo, mas que não funcionou por questões de discordâncias de ideias e linhas de pensamento.

Segundo McDonough, em relação as ações dos comunistas clandestinos, a atividade mais importante do grupo foi a distribuição de literatura anti-nazista. Folhetos comunistas e jornais foram distribuídos em bares e locais de trabalho. O jornal comunista mais famoso era o chamado *Bandeira Vermelha*, bem como, uma série de jornais comunistas de caráter regional, foram impressos e distribuídos amplamente em toda a Alemanha de 1933 a 1935. No mesmo período, o KDP (*Partido Comunista*) produziu e distribuiu também milhares de folhetos anti-

nazista. E foi justamente depois da invasão da URSS que o grupo se fortaleceu, como bem diz McDonough:

Foi no período após a invasão da União Soviética em 22 de Junho 1941, que a resistência comunista reviveu. Na verdade, o número folhetos anti-nazistas apreendidas pela Gestapo em 1941 cresceu significativamente de Janeiro para Outubro. Durante o mesmo período, uma série de grupos comunistas clandestinos importantes que não eram oficialmente ligados ao KPD, mas simpáticos em relação a ele, começou a se envolver em atividades de resistência. Eles operaram em um número de cidades e fábricas alemãs (MCDONOUGH, 2001, pg.6-7).

Há também muitos exemplos de resistência dos trabalhadores industriais, nos quais agiam de várias formas, dentre elas: a abstenção do trabalho, a sabotagem de máquinas industriais, greves, a recusa de servir no exército alemão e também na negação em dar a famosa saudação de Hitler. McDonough relata que houve até por parte de um desses trabalhadores, uma tentativa de assassinato contra Hitler, em uma cervejaria em Munique em 8 de Novembro de 1939. Georg Elser planejou implantar uma bomba para ser ativada no momento que o *Führer* fosse apresentar o seu discurso. No entanto, o plano falhou, pois como o tempo estava ruim, o avião no qual Hitler estava se atrasou e ele conseqüentemente chegou atrasado para o discurso. O que resultou na prisão e execução de Elser, pois a bomba explodiu no tempo programado por ele, porém não obteve o fim esperado de assassinar o ditador. Um grupo de trabalhadores industriais também chegaram a produzir um jornal chamado *Der Verbote*, o qual só apareceu em 1942, e que a Gestapo encontrou cópias e prendeu a maioria dos líderes do movimento em Março de 1943.

Muitos foram os que discordaram do regime nazista ao longo dos anos em que Hitler esteve no poder. Alguns se manifestaram, se organizaram, panfletaram, criaram jornais e folhetos de oposição, se arriscaram na tentativa de proteger algum “indigno de viver”, e que por consequência, muitos pagaram com a própria vida, como também, outros se calaram e participaram do regime de maneira direta e indireta, por medo de perder a própria vida ou de algum familiar e amigo, porque a liberdade e a autonomia já haviam há muito, perdido. Hanna Arendt enaltece que:

Havia na Alemanha indivíduos que desde o começo do regime e sem jamais fraquejar se opuseram a Hitler; ninguém sabe quantos eram – talvez 100mil, talvez muito mais, talvez muito menos – porque suas vozes nunca foram ouvida. Podiam ser encontrados por toda parte, em todos os estratos da sociedade, entre as pessoas simples, assim como entre os educados, em todos os partidos, talvez mesmo na alas do NSDAP (ARENDR, 1999, pg.120).

E assim ela prossegue, relatando alguns dos casos de que tinha conhecimento e até envolvimento:

[..] Alguns eram verdadeira e profundamente piedosos, como um artesão que conheço, que preferiu ver sua existência independente destruída, transformando-se num simples trabalhador de uma fábrica para não ter de passar pela “pequena formalidade” de entrar para o Partido Nazista. Poucos ainda levaram a sério um juramento e preferiam, por exemplo, renunciar a uma carreira acadêmica do que jurar em nome de Hitler. Um grupo mais numeroso era de trabalhadores, principalmente em Berlim, e de intelectuais socialistas que tentaram ajudar os judeus que conheciam. Houve, finalmente dois rapazes camponeses [...] que foram convocados pela SS no final da guerra e se recusaram a assinar papéis; os dois foram condenados à morte, e no dia de sua execução escreveram uma última carta a suas famílias: “Preferimos morrer do que carregar em nossas consciências coisas tão terríveis. Sabemos o que a SS tem de fazer” (ARENDR, 1999, pg.120).

A resistência passiva alemã foi evidenciada por esses e demais grupos que se preocupavam com os rumos que a nação estava tomando, importavam-se com seu dever moral e de direito em reagir ao regime; grupos que possuíam outras ideologias, e lutavam pela liberdade de agir e se expressar; pessoas que desobedeciam as imposições do regime, desde de pequenos gestos até mesmo a arriscar suas vidas para abrigar e esconder uma criatura perseguida. Os seus atos consistiam nos mais diversos, mas sempre de maneira consciente, crítica e humana.

3.1.1.1 “Solução final” e a questão das massas

Em uma reunião com Eichmann (*SS- Obersturmbannführer*), em 1941, para as ordens das diretrizes sobre a questão da “Solução Final”, Heydrich (*SS-Obergruppenführer*) falou: “*O führer ordenou que os judeus sejam exterminados fisicamente*” (ARENDR, 1999, pg.98). Muito embora, Heydrich “já estava há anos, supõe-se que desde o começo da guerra, encarregado da tarefa de preparar a solução final para o problema judaico.” (ARENDR, 1999, pg.98) Em uma ordem para inspecionar o centro de extermínio localizado na Polônia, conhecido como Chelmno, Eichmann relatou o seu testemunho quando viu judeus sendo mortos em caminhões de gás:

Os judeus estavam numa grande sala; recebiam ordem de se despir; então chegava um caminhão, parava bem na entrada da sala, e os judeus nus recebiam ordem de entrar nele. As portas eram fechadas e o caminhão partia. [...] Depois, segui de carro atrás do caminhão, e vi a coisa mais horrível que já tinha visto na vida. O caminhão estava indo para um buraco aberto, as portas se abriram e os corpos foram jogados para fora, como se ainda estivessem vivos, tão moles estavam seus membros (ARENDR, 1999, pg.98-103).

Todo o procedimento burocrático a respeito da Solução Final era feito de maneira sigilosa, até mesmo depois da notícia ter se espalhado por todos os departamentos do Estado. As correspondências sobre o assunto também estavam sujeitas as “normas de linguagem”, uma espécie de camuflagem dos termos comprometedores, o que ajudava na manutenção da ordem e da cooperação necessária entre os muitos envolvidos nesse processo. O campo de concentração de Auschwitz se tornou palco mais massivo de assassinato da história, e quando a SS percebeu que o fim da guerra se aproximava, tentaram remover as evidências das atrocidades que cometeram.

O judeu Elie Wiesel, em seu testemunho sobre os dias que passou no campo de Auschwitz,

O maior e mais famoso dos campos de extermínio, que cobria uma área de trinta quilômetros quadrados na Alta Silésia e não era de forma nenhuma apenas um campo de extermínio; era um imenso empreendimento com mais de 100 mil pri-sioneiros, de todos os tipos, inclusive não judeus e trabalhadores escravos, que não estavam sujeitos ao gás” (ARENDR, 1999, pg.105).

“Não me interessava por mais nada além do meu prato de sopa diário, do meu pedaço de pão seco. O pão, a sopa... eram toda minha vida. Eu era um corpo. Talvez menos ainda: um estômago faminto. Só o estômago sentia o tempo passar” (WIESEL, 2006, pg.60).

Figura 5 – Auschwitz.



Fonte: foto tirada pela autora. Campo de Concentração de Auschwitz, 2014, próximo a Cracóvia.

Figura 6 – Auschwitz II-birkenau



Fonte: Foto tirada pela autora. Campo de Concentração de Auschwitz II-birkenau, 2014. Próximo a Cracóvia.

Figura 7 – Halt! Stój! (Alto! Pare!)



Fonte: Foto tirada pela autora. Campo de Concentração de Auschwitz, 2014, próximo a Cracóvia.

Figura 8 – Judeus no Campo de Concentração.



Fonte: foto da fotografia, tirada pela autora. Campo de Concentração de Sachsenhausen, 2014, próximo a Berlim.

A função dos campos de concentração não só era a de exterminar os considerados inapropriados aos moldes nazistas, como também em mudar a forma de enxergar a morte, coisificar o homem e isola-lo do mundo externo. Os campos de concentração havia tirado o sentido natural da morte, como desfecho da vida, pois tornaram a morte anônima. De certa forma, nada, nem mesmo a morte pertencia mais ao indivíduo, “e que ele não pertencia a ninguém. A morte apenas selava o fato de que ele jamais havia existido” (ARENDR, 1989, pg. 503). O significado da morte, no decorrer da existência material dos muitos internos nos campos de concentração, até o fim da guerra, acabou perdendo seu sentido medonho de um fim natural da vida, pois o horror o qual os prisioneiros foram submetidos, os modificou, os mecanizou, e os tornou seres sem identidade. A indiferença com a própria vida os fez enxergar a morte apenas como um fato que poria fim ao corpo físico, porque sua existência enquanto ser humano já há muito, havia sido exterminada, assim:

Os campos destinavam-se não apenas a exterminar pessoas e degradar seres humanos, mas também servem à chocante experiência da eliminação, em condições cientificamente controladas, da própria espontaneidade como expressão da conduta humana, e da transformação da personalidade humana numa simples coisa. [...] Em circunstâncias normais, isso nunca pode ser conseguido, porque a espontaneidade jamais pode ser inteiramente eliminada, uma vez que se relaciona não apenas com liberdade humana, mas com a própria vida, no sentido da simples manutenção da existência. É somente nos campos de concentração que essa experiência é possível. (ARENDR, Hannah, 1989, pg.488-9)

Figura 9 – Punição por enforcamento.



Fonte: foto da foto tirada pela autora. Museu de Schindler, 2014, próximo a Cracóvia.

Dessa forma, a chamada “coisificação” do homem, é justamente a transformação da individualidade humana em uma condição desprovida de personalidade e espontaneidade naturais. E isso, só foi possível ser evidenciado através da vivência dos prisioneiros nos campos de concentração da Alemanha nazista. Além da exterminação, experiências médicas e demais humilhações sofridas pelos internos, os campos tinha a função particular de coisificar o homem. Torná-lo um ser apenas existente em seu corpo físico, apático ao mundo externo, o qual ele não tinha contato. Esses seres apáticos agiam de forma mecânica, movidos apenas as ordens que lhes eram dirigidas. Na sua análise, Hannah Arendt diz que o real horror dos campos consiste no fato de que os prisioneiros, mesmo que vivos, “estão mais isolados do mundo dos vivos do que se estivessem morrido, porque o horror compele ao esquecimento” (ARENDR, 2011, pg. 493). Dessa forma, não se tem parâmetros para comparar a vivência nos campos de concentração, pois o seu horror era transcendente, como bem diz Arendt:

O seu horror não pode ser inteiramente alcançado pela imaginação justamente por situar-se fora da vida e da morte. Jamais pode ser inteiramente narrado, justamente porque o sobrevivente retorna ao mundo dos vivos, o que lhe torna impossível acreditar completamente em suas próprias experiências passadas. É como se o que tivesse a contar fosse uma história de outro planeta, pois para o mundo dos vivos, onde ninguém deve saber se ele está vivo ou morto, é como se ele jamais houvesse nascido (ARENDR, 1989, pg.493-4).

Na visão de Arendt, o método utilizado pelos campos de concentração foi de tornar os homens superficiais, deposto de sua própria individualidade. A prática do terror exercido diariamente nos campos e o medo constante espalhado no seio da sociedade, reduziam os homens apenas as suas reações primárias, colocando-os num patamar sub-humano, adequado para formação do cidadão essencial aos moldes do regime totalitário. Lenharo, também fala que os campos desempenhavam papel de laboratório, oficinas sociais de experimentação para o domínio totalitário a ser investido em larga escala. Uma vez nos campos, as pessoas eram destituídas de todas as formas de convívio, privavam-se de todo contato com o externo, eram humilhadas, violentadas e, no fim, aniquiladas, moral e fisicamente. As maneiras com as quais a singularidade humana foi sendo atingida foram muitas, Arendt fala que elas:

Começam com as monstruosas condições dos transportes a caminho do campo, onde centenas de seres humanos amontoavam-se num vagão de gado, completamente nus, colados uns aos outros, e são transportados de uma estação para outra, de desvio a desvio, dia após dia; continuam quando chegam ao campo: o choque bem organizado das primeiras horas, a raspagem dos cabelos, as grotescas roupas do campo; e terminam nas torturas inteiramente inimagináveis, dosadas de modo a não matar o corpo ou, pelo menos, não mata-lo rapidamente. O objetivo desses métodos, em qualquer caso, é manipular o corpo humano – com suas infinitas possibilidades de dor – de forma a fazê-lo destruir a pessoa humana tão inexoravelmente como certas doenças mentais de origem orgânica (ARENDR, 1989, pg. 504).

Figura 10 – Vagão que os judeus e demais “indignos de viver” eram transportados para Auschwitz.



Fonte: foto tirada pela autora. Campo de Concentração de Auschwitz, 2014, próximo a Cracóvia.

E a grande perturbação é que, tudo isso só foi possível acontecer porque teve o apoio das massas. Elias Canetti, na obra *Massa e Poder* aborda de maneira perspicaz o envolvimento das massas e o poder exercido por elas. O autor discute dentre várias outras perspectivas, o conceito das massas abertas e das massas fechadas. A primeira, é compreendida por ser uma massa natural, onde nenhuma fronteira se sobrepõem ao seu crescimento, que se dar em todas as direções e em todas as partes. A segunda, é a contraposição da primeira. A massa fechada se prende, criando um lugar para ela mesma, na medida com que se limita. Dessa forma, o espaço em que vai preencher é delimitado. No caso da Alemanha, o símbolo de massa se estabeleceu subsequente a guerra franco-prussiana, que era e continuou sendo o exército. A questão do exército especificamente no caso alemão, se configurou em sua massa fechada, pois somente pessoas jovens de idades determinadas podiam servir por um limitado período de tempo.

Canetti defende que, quando a Primeira Guerra Mundial eclodiu todo o povo alemão se transformou em uma massa aberta única, pois como bem analisa, a proibição do serviço militar ditada pelo Tratado de Versalhes, privou a massa fechada do país. Nos diversos aspectos abordados na obra, o autor ressalva a questão a aversão do contato em as massas apresentam e

diz, “não há nada que o homem mais tema do que o contato com o desconhecido. Ele quer ver aquilo que o está tocando; quer ser capaz de conhecê-lo ou, ao menos classifica-lo” (CANETTI, 1995, pg.13). Toda a indiferença que o homem cria em torno de si foi provinda por esse medo do contato. “Somente na massa é possível ao homem libertar-se do temor do contato” (CANETTI, 1995 pg. 14). Dessa forma, o homem consegue se libertar completamente do pavor do contato individual, através da densidade com que as massas se concentram. Quando mais os homens se inserem na massa, mais seguros eles se sentem a não se temerem.

O momento em que todos aqueles que compõe as massas se desprendem das suas diferenças e começam a se sentir iguais, é quando a massa se constitui. Sendo essas diferenças, aquelas que são impostas pelo meio externo, de cunho social, hierárquico e de propriedade. E, essas diferenças determinam de maneira decisiva no seu comportamento perante o outro. “Somente a união de todos é capaz de promover-lhes a libertação das cargas da distância. E é precisamente isso que acontece nas massas” (CANETTI, 1995, pg.17). Através da massificação do homem, lhe é permitido o alívio de não carregar o peso suas questões privadas, as suas diferenças individuais são substituídas pelo sentimento de segurança que a massa oferece.

A ilusão padece, de que todos são subitamente iguais e assim, serão para sempre. “Dentre os traços mais notáveis na vida da massa, encontra-se algo que se poderia denominar um sentimento de perseguição” (CANETTI, 1995, pg.21). Uma tendência e contrariedade com relação àqueles os quais são apontados como inimigos. Quando se trata do inimigo objetivo da massa, não importa quais são suas atitudes. Objetivo, no sentido de que, por motivos aleatórios e superficiais são taxados como oponentes. “Façam estes o que quer que façam – comportem-se eles com rispidez ou simpatia, sejam solidários ou frios, duros ou brandos” (CANETTI, 1995, pg.21). Tudo vai ser interpretado de maneira hostil e malevolente. Isso está diretamente relacionado ao processo de crescimento das massas, pois qualquer coisa que se contraponha a sua multiplicação é visto por ela como uma coibição. Dessa forma, a domesticação das massas é maestria do pensamento extremista, pois, as massas tem pretensões de crescimento, no seu interior a igualdade reina, a massa precisa de uma direção e nada deve interpor-se a ela.

Para Hannah Arendt, o termo massa só se aplica àqueles indivíduos que, simplesmente em virtude do seu número, ou a sua passividade, ou uma mescla de ambos, não se pode compor em uma organização firmada no interesse coletivo, seja sindicato de trabalhadores, partido político ou associação profissional. As massas existem em qualquer país do mundo e definem a maioria dos indivíduos neutros e de visão política indiferente, que nunca participam de partidos de maneira efetiva e raramente exercem o direito do voto. A efetivação do totalitarismo entre as massas trouxe à tona algumas questões sobre os países democráticos, como por

exemplo o fato de as massas demonstrarem que, ao contrário do que a democracia acredita, são politicamente neutras e indiferentes, e assim, podiam facilmente preencher a maioria em um país democrático. E dessa forma, a aceitação das normas e princípios que regem regime político é de uma minoria. Portanto, o poder das massas só elucidou a questão que o pano de fundo da vida política de um país democrático pode ser exatamente a indiferença e neutralidade (ARENDETT, 1989, pg. 362).

Dessa forma, as massas, com toda sua indiferença e apatia, na sociedade mundial contemporânea, é solo fértil para que a banalidade do mal e o extremismo continuem ganhando cada vez mais respaldo e adeptos. A falta de empatia com a dor do outro, o individualismo, o desconhecimento do seu semelhante, é o que Emmanuel Lévinas aborda, na sua obra *Ensaio sobre a alteridade*, quando fala sobre a negação do outro. Em seus argumentos, Lévinas defende que “a guerra impede qualquer possibilidade de alteridade na medida em que ela é a consequência mais cruel do individualismo” (Emmanuel Lévinas, o outro e a alteridade. Certificação Digital Nº 0613172/CA). A violência não respalda-se exclusivamente em ferir e exterminar, mas também fazer os indivíduos desempenharem outros papéis em que, passam a trair, não apenas acordos, mas a sua própria essência.

3.1.1.2 Banalidade do mal e pensamento extremista

O acontecimento do Holocausto não foi apenas uma calamidade para o povo judeu, mas também para toda nossa civilização e cultura moderna, pois ocorreu justamente no momento de clímax do desenvolvimento científico, artístico e educacional, pelo qual a humanidade estava vivenciando com intensidade. O nosso século XXI trouxe novamente ao cenário internacional questões ainda evidentes desde o século XIX, e até muito antes, onde a incomplacência e a banalidade do mal predominam. E apesar de passados anos desde que os campos de concentração nazistas foram desativados, a consciência coletiva das sociedades de massa, quando submetidas a estresse político, econômico e social, ainda é o mesmo do passado, de exaltação à intolerância, xenofobia e indiferença com as minorias perseguidas. Para o Polonês, Baumann:

O Holocausto foi de fato uma *tragédia judaica*. Embora os judeus não tenham sido a única população submetida a “tratamento especial” pelo regime nazista (seis milhões de judeus estavam entre as mais de 20 milhões de pessoas aniquiladas a mando de Hitler), só os judeus foram marcados para o extermínio, a destruição total, e não tinham lugar reservado na Nova Ordem que Hitler pretendia instaurar. Mesmo assim, o Holocausto não foi simplesmente um problema judeu nem fato da história judaica apenas. O holocausto nasceu e foi executado na nossa civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura. A autocura da memória histórica que se processa na consciência da sociedade moderna é por isso mais do que uma indiferença ofensiva às vítimas do genocídio. É também um sinal de perigosa cegueira, potencialmente suicida (BAUMAN, 1998, pg.12).

É tanto um problema dessa civilização e cultura que, em entrevista para página da rede de mídia alemã DW, o alemão Karl (não é o seu nome verdadeiro e ele tampouco mostra o rosto para a reportagem) participava de um grupo neonazista e considera que os motivos os quais o levaram a entrar para o radicalismo são os mesmo que levam os jovens a se alistarem na jihad islâmica.

Karl era um da liderança do grupo “Cosmo da Extrema Direita”. Seu dia era cheio: de manhã, cursos de política, à tarde, práticas de combate que por vezes incluíam exercícios com armas brancas ou explosivos. O grupo se mantinha com atividades comerciais na cena de extrema direita, como bares, estampa de roupas, distribuição de CDs e tráfico de armas. A violência era uma constante na vida de Karl – contra policiais, minorias, dissidentes políticos.” Karl relata que não foi fácil pular fora da cúpula, foi esfaqueado por alguns dos seus antigos colegas do grupo quando tentou fugir, mudando-se de cidade. Ele relata que após conseguir ajuda para deixar o radicalismo, pôde se dar conta do que tinha feito com outras pessoas e de como chegou àquele ponto da sua vida. No entanto, a vergonha e o sentimento de culpa estão presentes na sua vida até hoje. Em suas reflexões do por que tinha se tornado tão violento, Karl lembra que: “Em algum momento, eu mesmo passeia a bater, e fui aclamado. O cara não se levantou mais, e os outros acharam bom. Seres humanos precisam de reconhecimento. Eu recebi elogios que não acabavam mais, fui celebrado. Para mim, ficou claro que é melhor o outro estar por baixo e eu por cima. Eu não queria nunca mais ficar por baixo (DW – Brasil).

O extremismo, em todas as suas vias de atuação, permite fácil acesso de adesão, mas uma vez que o indivíduo tenta sair, é perseguido e sua vida passa a ser considerada uma ofensa para os integrantes dos movimentos radicais. A exaltação de atitudes radicais e o reconhecimento daqueles que as praticam, levam os integrantes do extremismo a acreditarem que são especiais, melhores do que os outros, e que estão lutando por uma causa maior. Dessa forma, sempre arrumam um “inimigo objetivo” a quem culpar, qualquer um que não se encaixe nos seus parâmetros ideológicos, podem ser considerados inimigos e serem perseguidos por problemas e situações de que não possui o menor envolvimento. A linha radical de pensamento extremista considera que detém da verdade absoluta, e por essa razão, parte do pressuposto de que a responsabilidade de impor sua verdade lhe é legítima pela violência. As ideologias

radicais, permitem que seus integrantes se isentem da culpa dos seus próprios problemas e depositem essa culpa, juntamente com o sentimento revanchista em cima de minorias. Foi o que aconteceu com o alemão entrevistado pela rede de mídia Deutsche Welle.

A ideologia radical o ajudou a encontrar culpados para seus próprios problemas”. O melhor exemplo foi quando perdeu o emprego: “Fui demitido, mas os estrangeiros que trabalhavam na empresa continuaram por lá.” No que tange as ideias terroristas, Karl conta que conheceu “muita gente que brincava com a ideia de matar montes de pessoas, praticar atentados terroristas”. Ele mesmo chegou a pensar coisas assim. Empatia pelas possíveis vítimas, Karl não sentia. “Eu não via aquelas pessoas que sofreram na minhas mãos como seres humanos. Para mim, elas eram escória, baratas, porcaria (DW – Brasil).

E por fim, o alemão reflete que consegue compreender o porquê de muitos jovens se permitem recrutar pelo jihadismo salafista. E diz:

Na verdade, era exatamente o que eu buscava naquela época. Se houvesse um meio salafista, eu possivelmente teria aderido à guerra santa. Para seres propensos ao extremismo, pouco importa a ideologia por trás do grupo. A cena do salafismo também teria sido bastante atraente para mim: focada na ação, totalmente além do bem e do mal, e muito elitista. A pessoa faz aquilo que ninguém faz porque está lutando por algo maior. Teria combinado bem. Aí, provavelmente, eu teria uma barba e estaria na Síria (DW – Brasil).

Esse relato mostra o quão irrelevante a ideologia extremista é, no sentido de que é sempre contestável, intolerante e absurda, mas que envolve fortemente as massas, de maneira a causar danos irreparáveis. Isso porque, os seres propensos ao extremismo aderem a causa não pela ideologia em si, mas sim, pelo que ela traz para suas vidas. A ideologia extremista dá sentido à vida dos homens, que por sua vez, convivem diariamente com a solidão. De maneira que são indivíduos individualizados na sociedade moderna, que não possuem consciência crítica das coisas do mundo e não são adeptos a nenhuma causa. São homens apolíticos, que estão inseridos na sociedade apenas para buscar suas próprias necessidades materiais. Hanna Arendt bem aborda essa questão quando diz:

O que prepara os homens para o domínio totalitário no mundo não-totalitário é o fato de que a solidão, que já foi uma experiência fronteira, sofrida geralmente em certas condições sociais marginais como a velhice, passou a ser, em nosso século, a experiência diária de massas cada vez maiores. [...] O “raciocínio frio como gelo” e o “poderoso tentáculo” da dialética que nos “segura como um torno” parecem ser o último apoio num mundo onde ninguém merece confiança e onde não se pode contar com coisa alguma” (ARENDDT, 1989, pg. 530).

O cenário atual não só nos mostra que a nossa civilização e cultura ainda não amadureceu o suficiente para lidar com a questão das diferenças, como também nos leva a reflexão histórica dos acontecimentos, na tentativa de prevenir a reprodução de comportamentos intolerantes e violentos contra os que não se enquadram nos moldes das ideologias defendidas por cada pensamento extremista. Tanto é que a Alemanha atualmente está vivenciando um momento de mudança em sua população, pois é um dos países que mais vem recebendo imigrantes e refugiados ao longo desse ano de 2015. E essa migração é já considerada a maior que a humanidade está vivenciando desde a Segunda Guerra Mundial. No entanto, o comportamento de boa parte da população alemã é preocupante, devido ao crescimento da xenofobia por todo país.

Hobsbawn, quando aborda sobre o impacto da sociedade industrializada moderna como meio facilitador do regime totalitário no século XIX, já dizia:

À ascensão dos movimentos da classe trabalhadora, e, de maneira geral, à onda de estrangeiros que invadia o mundo na maior migração de massa da história até aquela data. [...] Antecipando o fim do século XX, o fim do século XIX introduziu a xenofobia de massa, da qual o racismo – a proteção da cepa local pura contra a contaminação, e até mesmo a submersão, pelas hordas invasoras subumanas – tornou-se expressão comum (HOBSBAWN, 1995, pg. 122).

Jean-Claude Juncker, presidente da Comissão Europeia, foi entrevistado pelos jornais de mídia alemã *Funke*, e expressou sua preocupação em referência a crescente onda xenofóbica na Alemanha por conta da crise dos refugiados. “As preocupações do presidente da Comissão Europeia vêm depois de uma série de ataques xenófobos registrados em toda a Alemanha.” (DW-Brasil) As ocorrências de atentados contra os abrigos dos refugiados mais que dobrou em comparação ao ano de 2014.

A situação referente a essa crise chegou a tal ponto que no mês de outubro de 2015, a candidata à prefeitura da cidade de Köln, na Alemanha, Henriette Reker, sofreu um atentado, foi vítima de um ataque a faca, por motivações xenofóbicas, por seu posicionamento pró-refugiados e pela disposição para organização de alojamentos para os migrantes na cidade. Até o Conselho Central dos Judeus na Alemanha se pronunciou ao governo de Berlim para as devidas providências de luta contra o extremismo de direita do país. Desde que a crise se agravou inúmeros casos de ataques aos alojamentos de refugiados e migrantes foram contabilizados na Alemanha.

Não só a Alemanha é palco para esse tipo de pensamento intolerante com as minorias necessitadas, mas por sua história de atrocidades na Segunda Guerra Mundial, com o regime

nazista é alarmante que uma parte da população ainda se comporte dessa maneira. E principalmente pelo fato de ser um dos países mais ricos do globo, já considerado uma potência europeia, que tem capacidade para receber milhares de migrantes, pois possuem condições para isso. Estima-se que até o final de 2015, o país poderá receber cerca de 1 milhão de pessoas. No entanto, as motivações que levam esses ataques são precisamente de cunho xenófobo e desconfiança.

O Departamento Federal de Investigação (BKA, serviço secreto alemão) teme que novos ataques violentos aconteçam na Alemanha em meio à crise de refugiados, revela um documento interno divulgado pelo jornal *Süddeutsche Zeitung* e pelas emissoras NDR e WDR. Segundo a análise do BKA, políticos e responsáveis por centros de acolhimento podem se tornar alvo de criminosos que agem por motivações xenófobas. A avaliação foi feita dias depois do atentado contra a candidata Henriette Reker. O BKA afirma que a extrema direita alemã deverá acirrar a agitação social diante da atual política de asilo do governo federal. A cena extremista, que o serviço chama de heterogênea, encontrou nesse tema um consenso ideológico (DW – Brasil, adaptado).

O serviço secreto também relata a possibilidade da extrema direita se utilizar de outros meios de ataques, na tentativa de impedir a chegada dos refugiados que ainda estão por vir, como: ataques a pessoas que são confundidas com um requerente de asilo, sabotagem nos trilhos do trem e rodovias dentre outras. O diretor do Instituto de Pesquisa Interdisciplinar sobre Conflito e Violência (IKG), Andreas Zick, falou em entrevista que os ataques aos abrigos dos refugiados ameaçam à democracia, assim como o enfraquecimento da política na cidade de Köln. E diz:

Estamos vendo uma nova faceta da violência. Na Alemanha, tivemos 179 assassinatos realizados por extremistas de direita desde 1990, houve mais de 500 crimes contra abrigos de requerentes de asilo, e agora há o mesmo fenômeno do “lobo solitário” terrorista, que observamos também no cenário terrorista islâmico. [...] Vemos que esses “lobos solitários” invocam os partidos e transformam em ações o que a ideologia pede. [...] Sabemos que os grupos de extremistas de direita tentaram estar nas ruas e também na internet, onde discutiram o que fazer. Ao longo dos últimos meses, a ideia nos meios radicalizados, de não só comunicar e gritar slogans de ódio, mas de também agir e ocupar as ruas, ganhou impulso (DW – Brasil).

E quando questionado sobre a possibilidade dessas tendências de extrema direita desaparecerem, se fosse possível uma solução para o controle da situação dos refugiados no momento atual, Zick afirma que é uma ideia ilusória, e explica:

Tivemos o mesmo problema nos anos 90, quando os políticos diziam que se controlássemos o fluxo de imigração e o reduzíssemos, iríamos mostrar aos cidadãos que temos controle da situação. Mas isso não impediu o extremismo de direita. O grupo NSU matou dez pessoas. A radicalização continua dentro dos meios da direita populista e extremista, porque eles não respeitam o que a sociedade civil está fazendo (DW – Brasil).

Para Zick, a extrema direita alemã é uma ameaça para a democracia, uma vez que o Estado democrático é regido pela participação e regulação dos conflitos pela via da não-violência, enquanto que o que se pode observar na Alemanha atual é um aumento significativo da violência. Boa parte dos criminosos da extrema direita se consideram pessoas normais e não radicais de direita, argumentando que atacar com fogo os abrigos dos refugiados é uma forma de manifestação. O cenário não só Alemão, mas também europeu, é preocupante na visão do especialista, e pôde ficar ainda mais evidente após essa crise. Na Suíça, recentemente o partido anti-imigração ganhou a maioria dos votos e a na Áustria, a extrema direita obteve ganhos em eleições locais. Assim como o crescimento da extrema direita em outros países da Europa que estão correlacionados uns com os outros pela internet.

Para muitos alemães, o fato de boa parte da população receber refugiados com “boas vindas” é devido ao sentimento de culpa que carregam pela Segunda Guerra Mundial. E no que tange aos extremistas de direita, esses por sua vez, segundo Romani Rose (presidente do Conselho dos Sinti e Roma na Alemanha), procuram “reavivar o espírito de Hitler” na atual crise migratória. O memorial construindo em Berlim em homenagem aos Sinti e Roma assassinados pelos nazistas durante a Alemanha de Hitler, recentemente foi alvo de profanação por parte de extremistas. Uma suástica e um escrito “extermínio a gás” foram pichados no local (DW – Brasil). Essas questões, só colocam em evidencia a fragilidade da consciência crítica de grande parte da população, que quando sob estresse político e social se mostram ainda intolerantes e xenofóbicas. A atual crise migratória, colocou em pauta questões ainda delicadas na Alemanha, bem como a maneira com que as pessoas ainda lidam com o passado nazista.

Outra questão também bastante inquietante, aconteceu durante as filmagens do longa metragem *Er ist wieder* (Ele está de volta), que aborda a relação dos alemães com Adolf Hitler, de maneira nova, em tom de comédia e crítica. O filme reproduziu a volta de Hitler na contemporaneidade. O ator que interpreta o *Führer*, Oliver Masucci, ficou espantado com a recepção calorosa que o personagem teve diante dos alemães. E relatou:

Passantes cumprimentavam entusiásticos o falso Hitler que passava de carro, assumiam postura de soldado e faziam a saudação nazista. Se possível, aproveitavam para tirar foto ao lado do “Führer”. Mas o pior não era isso: alguns não conseguiam conter o impulso de abrir seus corações com essa encarnação do fascismo. A dona de um quiosque de salsichas *currywurst* não perdeu a oportunidade de comentar com “Hitler” a suposta liberdade dada aos estrangeiros para se comportarem mal – segundo a vendedora, tudo fruto do sentimento de culpa que os alemães portam consigo desde a Segunda Guerra Mundial (DW – Brasil).

Para Masucci, as pessoas simplesmente ignoraram as câmeras e começaram a falar com o personagem, de maneira que até se abriram com ele. O diretor da TV alemã ARD, não conteve seu espanto, quando questionou: “como pode ser que tantas pessoas reajam positivamente a Hitler? Aceitem ele?” (DW – Brasil). O fato de muitos alemães ainda serem simpáticos a figura de Hitler também está fortemente ligado a maneira com que as gerações posteriores da Segunda Guerra Mundial encararam o regime nazista. Lenharo cita essa questão quando fala sobre como o nazismo foi retratado nas Escolas alemãs, e critica:

Sabe-se que na Alemanha, até muito recentemente, o período nazista ficava em branco nos livros escolares. Dupla razão: uma, a vergonha e a dificuldade de carregar esse fardo culposos; outra, a falta de vergonha ou então um processo de resistência no sentido de não se assumir uma experiência coletiva, obra de todos (LENAHRO, 1995, pg.11).

A dificuldade de lidar com o passado nazista ainda é bastante evidente. O livro escrito por Hitler e considerado como espécie de bíblia no período nazista, *Mein Kampf*, ainda é tabu. Considerado bibliografia proibida na Alemanha, foi previsto para legalidade de publicação de o domínio público a partir de 2016, e em versão apenas comentada. Esse fato nos leva a perceber o quão superficial o tema ainda é tratado nas escolas. Dessa forma, a formação de uma consciência crítica sobre os aspectos sociais deixados pelo Holocausto e pela Segunda Guerra Mundial é ainda limitado. E isso gera, muitas vezes, a atração pelas questões nazistas e da figura de Hitler, de maneira equivocada. Para o Jornalista Volker Wagener, a brandura com que o Estado Alemão trata o racismo serve de encorajamento para a extrema direita e contamina o cidadão comum. E diz:

A Alemanha é tida, dentro da União Europeia, como negligente no combate aos “crimes de ódio”. [...] Promotores e juízes poderiam agir com mais frequência e mais dureza, mas eles não fazem isso. [...] Por que não? Essa atitude complacente do Estado de Direito em relação a criminosos violentos e racistas funciona como um incentivo na cena de extrema direita e infecta até aquele que ainda há pouco era o “bom cidadão” (DW- Brasil).

Wagener, chama a atenção para a defesa da democracia alemã diante dessa questão. Para ele, em referência a atual crise de refugiados, o país lida melhor com questões financeiras e organizacionais de acolhida dos migrantes do que com a problemática dos discursos de ódio e o que eles representam para a sociedade. O fato é que a Alemanha nunca foi completamente “desnazificada”. Após a Segunda Guerra Mundial, um número significativo de ex-membros do Partido de Hitler seguiram carreiras nos órgãos público do país, com influência até nas questões políticas de decisões. Segundo um estudo efetuado por pesquisadores do Centro de História Contemporânea:

O chefe de uma divisão responsável em grande parte pela política educacional da era nazista, outros que participaram em programas de esterilização forçada, membros do alto escalão do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), como também dos esquadrões SS e SA: no período após a Segunda Guerra Mundial, o Ministério do Interior alemão estava cheio de pessoas que hoje teriam de ser classificadas como agressores nazistas (DW – Brasil).

O estudo relata que com o fim da guerra a dificuldade em encontrar pessoas capacitadas para os cargos públicos levaram a contratação de ex-membros do NSDAP. Muitos dos candidatos as vagas de emprego, também mentiam sobre o passado nazista nas entrevistas, mas mesmo nos casos de confirmação desse passado catastrófico, não implicava em nenhuma consequência. Os pesquisadores do estudo relatam que houve influências políticas, legislativas e atitudes antissemitas por parte do Ministério do Interior Alemão, como também censura no Departamento de cultura, quando esses funcionários “nazistas” estavam trabalhando no órgão público. Essa questão coloca em evidência a superficialidade com que os alemães lidam com o época nazista, desde o pós-guerra até hoje. E isso é bastante preocupante, pois a falta de uma compreensão eficaz dos acontecimentos do passado, de forma crítica e humana, gera um futuro incerto. As gerações vão se desenvolvendo em meio as tecnologias e estilos de vida cada vez mais individualizados e isolados, dificultando o contato com o outro e assim, limitando suas capacidades de empatia. E como consequência, atitudes racistas, xenofóbicas, preconceituosas e de intolerância se tornam banal no dia-a-dia das massas.

4 Considerações finais

A construção do regime nazista na Alemanha ainda é vista hoje de maneira bastante inquietante, justamente pelo fato de já naquela época, o país já ser considerado um dos mais desenvolvidos, intelectualizados e cultos da Europa. Esse consentimento alemão se deu por meio de elementos e fatores, os quais o presente trabalho teve a preocupação de pesquisar. Primeiramente, a Alemanha desde o século XIX, e até muito antes, já era solo fértil para a propagação de ideias racistas e xenofóbicas. Os judeus foram considerados os "inimigos objetivos", o que se caracteriza precisamente, pelo fato de serem classificados como grupo à parte, diferente dos demais, tanto em caráter externo, como interno. O cenário estava absurdamente propenso para a hostilidade com os considerados, de alguma forma, diferente dos padrões exaltados na época, pois havia uma concordância por parte das massas diante desse tipo de argumentação. O consciente coletivo da sociedade já havia sido envolvido por preconceitos e racismo.

Após perder a Primeira Guerra Mundial e levar a culpa pela guerra, a Alemanha vivenciou momentos de completo caos político, econômico e social. No entanto, mesmo depois de receber ajuda do Plano Dawes, e ter conseguido se reestabelecer economicamente durante certo período, os argumentos racistas nunca deixaram de ser pauta nos debates políticos alemães. Esse ponto, evidência que não foi apenas por mero fator econômico que os alemães se voltaram para a extrema direita. Após a quebra da bolsa, em 1929, quando o país voltou ao estado de balbúrdia, os nazistas conseguiram aumentar ainda mais sua popularidade, com seus discursos xenofóbicos e racistas, tentaram levantar a moral dos alemães propagando “soluções mágicas” para os problemas enfrentados pelo povo germânico. As tendências e a personalidade de Hitler, se caracterizava de forma extremamente propensa ao extremismo. Juventude com muitas frustrações em se firmar como algo na vida, e bem como, predisposição de sempre arrumar um culpado para os seus próprios problemas. A organização do regime nazista foi fator impulsionador para o sucesso do regime, no sentido de penetrar em todas as esferas e camadas da sociedade.

O partido Nacional-socialista com toda sua organização emaranhada, serviu como suporte para a legitimação de decisões políticas. O mecanismo essencial utilizado pela cúpula do partido para envolver as massas foi a propaganda. Esse dispositivo serviu como instrumento para dominação, e que, até a vitória nazista nas eleições, servia como meio de persuasão, mas que logo depois, passou a ser utensílio doutrinário para a ideologia. Sendo, o terror totalitário o

meio de confirmação dessa doutrinação. O pensamento extremista e os discursos de ódio dos Nacionais-socialistas, ocorreram no século passado, apesar disso, em nosso século nos deparamos com acontecimentos de mesma conotação, onde só mudam os figurantes. A Alemanha atual se constituiu em uma potência, de importância fundamental nos direcionamentos da União Europeia e bem como, nas tomadas de decisões políticas mundiais. Contudo, apesar de alguns esforços do governo atual, ainda vive à sombra do nazismo.

O que absteve a Alemanha lidar de uma maneira mais assertiva com o passado nazista, como bem aponta Lenharo, foi ausência de assumir essa experiência coletiva, em que toda uma geração fez parte. Seja por motivos de vergonha, desconhecimento preciso dos fatos ou simplesmente indiferença. O próprio governo alemão do pós guerra não soube manobrar a nazificação do país, tanto é que, como abordei no terceiro capítulo deste trabalho, muitos cargos públicos foram assumidos por “ex-nazistas”. E assim, o país foi dando curso ao seu desenvolvimento, mas sem levar esse aspecto de “passado ainda não bem resolvido” adiante. Dessa forma, preferiram deixar essa questão de lado, e conseqüentemente, as gerações posteriores foram crescendo sem uma compreensão necessária sobre esse passado. Atualmente os livros escolares dos jovens do ensino médio, possuem pouquíssimas abordagens a respeito desse tema, e se sabe que até muito recentemente, as questões relacionadas ao nazismo era tópico inexistente nas matérias escolares.

Atualmente, com a crise dos refugiados, a qual a Alemanha está recendo um número muito alto de requerentes de asilo, as lembranças do passado sombrio nazista, vieram à tona, após vários atentados contra esses refugiados e também, com o aumento de participantes nos grupos de extrema direita do país. O que mais choca nessa realidade, é o fato de que uma boa parte da população ainda se mostrar claramente racista e xenofóbica em relação a esses requerentes. E isso, apenas evidência nitidamente o quão distante essa população está do seu passado histórico em termos de compreensão. O governo alemã atual já expôs abertamente que o país possui condições financeiras para receber uma grande quantidade de asilantes, e até mais se quisesse, assim os argumentos de que essas minorias iriam, de alguma forma, prejudicar economicamente a nação não se configura. O que nos leva a perceber que a índole dos discursos contra essa abertura de fronteiras é puramente preconceituosa.

A postura cada vez mais isolada e solitária vivenciada por muitos alemães, e que não são adeptos a nenhuma ideologia, religião, ou qualquer tipo de fé e crença, sendo essas, saudáveis, são os mais propensos as tendências radicais. A ideologia, não é o ponto primordial para o extremismo, tanto é que, podem ser ideologias opostas, de direita e de esquerda, por exemplo,

mas que sua função está em fazer o indivíduo isolado acreditar em algo, algo que possa dar um sentido para sua vida medíocre. Para Hannah Arendt, os nazistas, como muito se ouve falar, não eram meros nacionalistas. O foco da sua propaganda nacionalista era direcionada aos simpatizantes e indecisos e não aos membros leais do partido, propaganda esta, que jamais se desviou do objetivo político supranacional. Dessa forma, o “nacionalismo” dos nazistas servia apenas para dar respaldo aos preconceitos proferidos pelas massas. “Os nazistas sentiam genuíno desprezo, jamais abolido, pela estreiteza do nacionalismo e pelo provincianismo do Estado-nação.” (ARENDR, 1989, pg.23) Relataram várias vezes que seu movimento, de caráter internacional, “era mais importante para eles do que o Estado, o qual necessariamente estaria limitado a um território específico.” (ARENDR, 1989, pg.23)

Referências bibliográficas

- ADOLF, Hitler. **Mein Kampf**. São Paulo: Montecristo, Versão em Português, digital, 2012.
- ARENDR, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. 14ª edição. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1999.
- _____. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. 9ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11ª edição. Brasília: UNB, 1998.
- CASTRO, Celso. **Evolucionismo Cultural**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2005.
- CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. 4ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FEST, Joaquim. **Hitler**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A., 2005.
- FRIEDLANDER, Henry. **The Origins of Nazi Genocide: From Euthanasia to the Final Solution**. 3ª edição. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press, 1995.
- GOODRICK-CLARCK, Nicholas. **The Occult Roots of Nazism: Secret Aryan Cults and their Influence on Nazi Ideology**. 3ª edição. London: Tauris Parke Paperbacks, 2004.
- HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- LENHARO, Alcir. **Nazismo: o triunfo da vontade**. 5ª edição. São Paulo: Ática, 1995.
- LONGERICH, Peter. **Heinrich Himmler: Uma Biografia**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2013.
- MCDONOUGH, Frank. **Opposition and resistance in Nazi Germany**. São Paulo: Cambridge University Press, 2001.
- NYISZLI, Miklós. **Auschwitz: A Doctor's Eyewitness Account**. 3ª edição. London: Penguin Books Ltda., 2012.
- PROCTOR, Robert. **Racial Hygiene: Medicine Under the Nazis**. London. 1ª edição. Harvard University Press, 1988.
- SCHAAKE, Erich. **Todas as Mulheres de Hitler**. 1ª edição. São Paulo: Lafonte Ltda., 2012.
- SCHOLL, Inge. **A Rosa Branca**. 2ª edição. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2014.

SZKLARZ, Eduardo. **Nazismo**: Como ele pôde acontecer. 1º edição. São Paulo: Editora Abril, 2014.

WIESEL, Elie. **A noite**. 3º edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. 4º edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1998.

Artigos

GUERIZOLI, Rodrigo. **Compreensão do ser como barreira ao outro?**: Lévinas, *ser e tempo* e o segundo Heidegger. São Paulo: Departamento de Filosofia da UFRJ, 2005. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302005000200005 >. Acesso em 29 nov 2015.

HOEPFNER, Soraya. **Entrevista com Peter Trawny**. Rio Grande do Norte: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em: < <file:///C:/Users/Mary%20pc/Downloads/90832-131550-1-SM.pdf> >. Acesso em 30 Nov 2015

MOCELLIM, Alan. **Simmel e Bauman: modernidade e individualização**. Vol.4 n. 1. Revista eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, 2007. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/13474/12357> >. Acesso em 29 nov 2015.

MAXWELL. Publicação online: **Emmanuel Lévinas, o outro e a alteridade**. Certificação Digital Nº 0613172/CA, PUC- RJ. Disponível em: < http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13482/13482_4.PDF >, <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13482/13482_5.PDF >. Acesso em 29 nov 2015.

RÜDIGER, Francisco. **Eugen Hadamovsky e a teoria da propaganda totalitária na Alemanha nazista**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de SP, 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/gal/v14n27/04.pdf> >. Acesso em 29 nov 2015.

Periódicos

Revista Super Interessante: série grandes mistérios. São Paulo, Editora Abril. **Nazismo: o lado oculto do Terceiro Reich**. Eduardo Szklarz. 1º edição, de abril de 2013.

Páginas Web

BREITENBACH, Dagmar. **“Alemanha enfrenta nova categoria de violência”**. Alemanha: Deutsche Welle Brasil, 2015. Disponível em: < <http://www.dw.com/pt/alemanha-enfrenta-nova-categoria-de-viol%C3%Aancia/a-18793050> >. Acesso em 29 nov 2015.

COHEN, Patricia. **Ideias de Heidegger sob novo ataque**. São Paulo: Estadão, 2009. Disponível em < <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,ideias-de-heidegger-sob-novo-ataque,466701> >. Acesso em 29 nov 2015.

GRUNAU, Andrea. **Ex-neonazista revela**: “Eu poderia ser um radical salafista”. Alemanha: Deutsche Welle Brasil, 2015. Disponível em: < <http://www.dw.com/pt/ex-neonazista-revela-eu-poderia-ser-um-radical-salafista/a-18727612> >. Acesso em 29 nov 2015.

HOFMANN, Sarah. **E se Hitler acordasse nos dias de hoje?**. Alemanha: Deutsche Welle Brasil, 2015. Disponível em: < <http://www.dw.com/pt/e-se-hitler-acordasse-nos-dias-de-hoje/a-18767121> >. Acesso em 29 nov 2015.

Juncker alerta para xenofobia na Alemanha. Alemanha: Deutsche Welle Brasil, 2015. Disponível em: < <http://www.dw.com/pt/juncker-alerta-para-xenofobia-na-alemanha/a-18803986> >. Acesso em 29 nov 2015.

PELLI, Ronaldo. **Publicação dos diários de Heidegger aprofunda debate sobre sua ligação com o nazismo**. Rio de Janeiro: O Globo, 2014. Disponível em < <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/publicacao-dos-diarios-de-heidegger-aprofunda-debate-sobre-sua-ligacao-com-nazismo-14277786> >. Acesso em 29 nov 2015.

PIMENTA, Felipe. **Introdução à filosofia, de Martin Heidegger**. Website: Filosofia, História e Política. 2014. Disponível em: < <http://felipepimenta.com/2014/09/11/introducao-a-filosofia-de-martin-heidegger/> >. Acesso em 29 Nov 2015.

RUTA, Christina. **Cadernos autobiográficos reavivam debate sobre Heidegger e o nazismo**. Alemanha: Deutsche Welle Brasil, 2014. Disponível em: < <http://www.dw.com/pt/cadernos-autobiogr%C3%A1ficos-reavivam-debate-sobre-heidegger-e-o-nazismo/a-17488624>>. Acesso em 29 nov 2015.

SANTOS, Luciano. **O homem na filosofia de Martin Heidegger**. Portal Ciência e Vida: Revista Filosofia, 2010. Disponível em: < <http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/22/artigo87364-2.asp> >. Acesso em 29 nov 2015.

Serviço secreto alemão teme aumento de ataques xenófobos. Alemanha: Deutsche Welle Brasil, 2015. Disponível em < <http://www.dw.com/pt/servi%C3%A7o-secreto-alem%C3%A3o-teme-aumento-de-ataques-xen%C3%B3fobos/a-18799423> >. Acesso em 29 nov 2015.

WAGENER, Volker. **Opinião: Democracia alemã, defenda-se!**. Alemanha: Deutsche Welle Brasil, 2015. Disponível em: < <http://www.dw.com/pt/opini%C3%A3o-democracia-alem%C3%A3-defenda-se/a-18824387> >. Acesso em 29 nov 2015.